

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

As artes e o Serviço Social Comunitário: uma proposta de base metodológica

Gabriela Augenstein Silva

Mestrado em Serviço Social

Orientador:

Professor Doutor Pablo Álvarez-Pérez, Professor Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

# iscte

SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de Ciência Política e Política Públicas

As artes e o Serviço Social Comunitário: uma proposta de base metodológica

Gabriela Augenstein Silva

Mestrado em Serviço Social

Orientador:

Professor Doutor Pablo Álvarez-Pérez, Professor Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022





## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Professor Doutor Pablo Álvarez-Pérez, o meu professor de referência desde o primeiro ano de Licenciatura em Serviço Social no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, por toda a partilha de conhecimentos. O seu apoio, paciência e incentivo foram motores essenciais que fizeram prosseguir na elaboração desta investigação.

Agradeço ainda a todos os professores de Serviço Social por toda a aprendizagem sobre a profissão e ao ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, por todos os momentos vividos. Esta será sempre a minha casa.

Não poderia deixar de agradecer aos entrevistados, por dispensarem do seu tempo e darem a possibilidade de concretizar esta investigação. De cada entrevista saía uma pessoa muito mais rica e motivada. Por toda a partilha de experiências, muito obrigada!

À minha família, mas em especial à minha mãe, quero agradecer por todo o apoio incansável e por nunca me deixarem desistir. À minha mãe, obrigada por todas as palavras de incentivo, por ouvir os intermináveis desabafos e vibrar com as pequenas e grandes vitórias. Obrigada por sempre acreditares em mim. És o meu porto seguro.

À minha melhor amiga Mé, quero agradecer por todos os anos de cumplicidade e amizade. Obrigada por estares aqui para mim. Tu sabes o quão especial és para mim.

Ao Pedro, obrigada pela compreensão e amor que transmites todos os dias. Obrigada por me incentivares a ser uma melhor pessoa, a acreditar em mim e me brindares com essa energia que é tão tua. És o meu melhor amigo e o melhor parceiro que podia ter escolhido para a vida.

Aos meus meninos do JI de Telheiras, em especial a sala 6, quero agradecer por me alegrarem os dias mais cinzentos. Sem nem saberem motivavam-me a olhar para o lado mais bonito da vida. Obrigada, obrigada, obrigada!

Às amigas da faculdade, mas sem dúvida às que iniciaram esta aventura comigo quero agradecer por todos os anos de amizade e companheirismo. São tantos os momentos, histórias, desabafos, alegrias e choros. Obrigada por estarem sempre cá.

À Tami, um especial obrigada por ser a minha companheira de investigação e ter-me acompanhado nesta grande viagem. Nós conseguimos amiga!

À Ghiraça por estar comigo desde o início e por me alegrar os dias com o seu humor e vídeos.

À Sofia por toda a ajuda e por me receber de braços abertos sempre quando mais precisava.

À Patrícia, por toda a disponibilidade na partilha de contactos e apoio prestado nesta investigação.

Obrigada!

## **RESUMO**

Na atualidade, o Serviço Social mostra um interesse cada vez mais crescente nas artes, quer para a prática como para a pesquisa. Apesar de existir uma maior divulgação de estudos em países como os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Israel é possível determinar que Portugal começa a abrir caminho a pesquisas sobre o tema e na relação entre as artes e o Serviço Social

Apesar do Serviço Social fazer uso das práticas artísticas desde o início da profissão, com o trabalho desenvolvido por Jane Addams com imigrantes, a realidade é que os assistentes sociais têm negligenciado esta possível intervenção, uma vez que não existe uma estrutura metodológica artística concreta para a profissão. Perante esta lacuna, a presente investigação pretende criar uma proposta metodológica de base artística para o Serviço Social Comunitário. Para que tal seja possível, este estudo, de natureza qualitativa tem por base entrevistas a assistentes sociais e profissionais que estejam a trabalhar em entidades comunitárias, nas mais diversas áreas de intervenção.

Com efeito, para além desse objetivo, foi possível compreender como os assistentes sociais percebem o uso das artes no Serviço Social; como é feita a intervenção das práticas artísticas nas comunidades; as potencialidades das artes nas comunidades e concluindo-se que as fragilidades encontram-se sobretudo nos sujeitos de intervenção e questões inerentes aos projetos e não devido às artes *per se*, assim como a sistematização das artes na prática do Serviço Social nas comunidades.

**Palavras-chave:** Arte; Práticas Artísticas; Comunidade; Metodologia; Serviço Social





## **ABSTRACT**

In current times, at a global level, Social Work displays an increasing focus on artistic practices in the fields of research and professional practice. Despite the fast-paced development of this educational approach abroad, in countries as US, Canada or UK, Portugal proves to be in the earliest stages of research regarding the link Social Work and the education of Arts.

Despite the use of artistic practices since the brink of social workers professional field, as showcased by the work developed by Jane Addams with immigrants, the harsh reality indicates that majority of social workers continuously neglect this interventional approach, claiming that there isn't any artistic methodological structure that justifies its' inclusion in the world of Social Work. Facing this current gap, this work aims to create an arts-based methodological approach to the Social Work field. To achieve that, this study is based on qualitative research, including interviews to social workers and assistants closely working in various interventional fields, with different communitarian entities.

Beyond that point, this work sheds some light on the perspective and understanding of social workers have on the use of artistic approaches in their professional field; its' application in communities; the artistic potential applied to into the communities and, to conclude, the fragilities found on the intervention's participants and issues inherent to the projects, instead of Arts per se and their systematization in the Social Work practices into the communities.

**Keywords:** Art; Artistic Practices; Community; Methodology; Social Work



## ÍNDICE

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice de tabelas	ix
Índice de figuras	x
Siglas	xi
Introdução	1
Capítulo 1. Estado da Arte	3
Capítulo 2. Quadro teórico/analítico	9
2.1. A Prática artística no desenvolvimento comunitário do Serviço Social	9
2.1.1. Dignidade humana e o seu valor	9
2.1.2. Competências profissionais	10
2.1.3. Integridade	11
2.1.4. Justiça Social	11
2.1.5. Serviço à humanidade	12
2.2. Paradigma da pessoa em contexto	12
Capítulo 3. Metodologia	14
3.1. Campo empírico: Universo e amostra	14
3.2. Lógica e estratégia de investigação	15
3.3. Técnica de recolha de dados	16
3.4. Análise de dados – análise de conteúdo	16
3.5. Dificuldades e limitações	17
3.6. Aspetos éticos	17
Capítulo 4. Análise e discussão dos resultados	19
4.1. Caracterização sociodemográfica dos entrevistados	19
4.2. Perceção do profissional do uso das artes no Serviço Social	20
4.3. A intervenção das práticas artísticas nas comunidades	23
4.4. As potencialidades e fragilidades das artes na comunidade	27
4.5. Sistematização das dimensões das artes na prática do Serviço Social nas comunidades	31
Conclusões	39
Referências Bibliográficas	41
Anexos	48
Anexo A – Guião de entrevista aos profissionais	48

Anexo B – Quadro concetual	50
Anexo C – Consentimento informado aos profissionais	51

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Dignidade humana e o seu valor	10
Tabela 2. Competências	10
Tabela 3. Integridade	11
Tabela 4. Justiça social	11
Tabela 5. Serviço à humanidade	12
Tabela 6. Caracterização sociodemográfica dos entrevistados	19
Tabela 7. Competências profissionais do assistente social	34

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Elaboração própria na base de Riggs & Pulla, 2014 e Huss & Sela-Amit, 2019	13
Figura 2. Tipo de arte utilizada	20
Figura 3. Perceção da intervenção pelas artes	21
Figura 4. As fases identificadas pelos profissionais da intervenção a utilizar as artes	24
Figura 5. Proposta metodológica sobre as artes na intervenção social comunitária	26
Figura 6. As potencialidades de utilizar artes na intervenção social comunitária	27
Figura 7. As fragilidades sentidas na intervenção social comunitária	30
Figura 8. Dimensões das artes nas comunidades	32
Figura 9. Elaboração própria	37

## INTRODUÇÃO

A investigação em Serviço Social assume uma expressão particularmente relevante ao contribuir para a identidade e afirmação das dimensões profissional e académica desta área. A tendência atual passa por produzir estudos cada vez mais inovadores, fazendo incidir o saber na realidade. Efetivamente, ao se gerar conhecimento em práticas concretas é possível desenvolver conhecimento direcionado à realidade dos assistentes sociais, o que claramente vem a ser útil para se dar resposta às questões mais emergentes e relevantes do Serviço Social (Granja & Queiroz, 2011; Ferreira, 2014).

O Serviço Social enquanto uma profissão de caráter interventivo está desafiada a produzir alternativas às complexidades dos fenómenos sociais (Granja & Queiroz, 2011). E, para dar resposta a isto, a arte aparece na profissão enquanto um instrumento/ferramenta muito importante, capaz de aumentar o potencial para o sujeito de intervenção – comunidade – e potenciar o trabalho do profissional.

No campo das ciências sociais há um interesse cada vez maior no uso das artes, tanto para a prática como para a pesquisa das profissões. Para o Serviço Social, estes fenómenos têm-se afirmado pelas metodologias visuais e pelo teatro em países, como Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Israel (Huss & Bos, 2018).

Na realidade, esta relação já é conhecida na história da profissão, sobretudo pelo trabalho de Jane Addams e dos seus colegas, que introduziram pintura, escultura e arquitetura no trabalho com imigrantes. Porém, apesar desta ligação, os assistentes sociais ainda sentem dificuldades em direcionar o seu trabalho para métodos mais artísticos a comparar com os métodos mais verbais tanto de exploração como de comunicação (Flynn & Sela-Amit, 2019).

Isto pode ser explicado pelo facto de as artes não serem incorporadas na teorização do Serviço Social, faltando a conexão metodológica que fundamente uma prática informada nesta área profissional (Flynn & Sela-Amit, 2019). Esta situação levanta várias questões, sendo um deles a pergunta de partida desta investigação: *“quais são os elementos constitutivos de uma intervenção social que tenha por base metodologias artísticas na perspetiva do Serviço Social?”*

Para conseguir responder tem-se enquanto objetivo geral *“elaborar uma proposta metodológica de base artística para o Serviço Social comunitário”*. Como objetivos específicos: *“compreender como os assistentes sociais percecionam o uso das artes no Serviço Social”*; *“perceber como os assistentes sociais incorporam as artes aos objetivos da profissão”*; *“determinar quais as potencialidades e fragilidades das artes nas comunidades”* e *“sistematizar dimensões das artes na prática do Serviço Social nas comunidades”*.

O objeto de estudo desta investigação é a intervenção do Serviço Social Comunitário através das metodologias artísticas, sendo pretensão da investigadora criar uma proposta metodológica de base artística para que os assistentes sociais consigam aplicar à realidade na medida em que consolidam saber sobre uma ferramenta de conhecimento útil à profissão.

Para isto é necessário conhecer-se a estrutura da presente dissertação, a qual divide-se em quatro capítulos, nomeadamente o capítulo 1 - *Estado da arte* – onde se apresenta uma revisão sobre estudos realizados entre 2017 a 2020, no qual se destaca as potencialidades para os sujeitos de intervenção, o assistente social e Serviço Social, assim como as possíveis limitações entre a relação do Serviço Social e as artes.

No capítulo 2 – *Quadro teórico/analítico* –foi usada a sistematização de Riggs & Pulla (2014), sobre a “*prática artística no desenvolvimento comunitário do Serviço Social*”, que tem por base as seguintes dimensões teórico-conceituais: a) respeito a dignidade humana e o seu valor; b) competências profissionais; c) integridade; d) justiça social; e e) serviço à humanidade. Para além disso, evidencia-se ainda o “*paradigma da pessoa em contexto*” de Huss & Sela-Amit (2019).

No capítulo 3 – *Metodologia* – faz-se a descrição pormenorizada sobre o campo empírico da investigação, nomeadamente o universo e a amostra; a lógica e estratégia da investigação; as técnicas de recolha de dados; a análise de dados, nomeadamente análise de conteúdo; as dificuldades e limitações, assim como os aspetos éticos desta investigação. Importa ainda referir que a presente dissertação de mestrado se alicerça enquanto um estudo exploratório - método indutivo, de natureza qualitativa, que se encontra estruturado, enquanto técnica de recolha de dados, por entrevistas a profissionais ligados à área e aos projetos artístico-sociais.

No capítulo 4 – *Análise e discussão dos resultados* – apresenta uma análise minuciosa daquilo que foi obtido nas entrevistas aos profissionais ao passo que se consolida conhecimento daquilo que foi depreendido na teoria. Deste modo, o capítulo inicia-se com a caracterização sociodemográfica dos profissionais e posteriormente com a apresentação da análise – dividida em objetivos específicos – e discussão dos resultados.

No final é realizada uma conclusão sobre a investigação inquirida no qual se dá resposta ao objetivo geral, assim como aos objetivos específicos.

## CAPÍTULO 1 - ESTADO DA ARTE

Atualmente, no Serviço Social, há um interesse crescente no uso das artes. As abordagens artísticas são muito utilizadas nas ciências sociais como métodos complementares e, no caso do Serviço Social, as artes podem oferecer perspectivas, abordagens e ferramentas úteis para envolver indivíduos e comunidades (Heinonen et al, 2018). De facto, em investigações a relacionar estes dois temas é possível depreender as conexões entre a teoria e a prática, países como Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Israel estão a legitimar, amplamente, esta relação.

Segundo Leonard et al (2018), a epistemologia do Serviço Social baseia-se essencialmente nas estruturas das ciências sociais, porém, há necessidade de se utilizar fontes de produção de conhecimento transformadoras para a educação do Serviço Social (Bogo, 2013; Narey 2014; Preston e Aslett, 2014 como citado em Leonard et al, 2018) Por isso, investigadores e educadores estão a utilizar uma abordagem interdisciplinar, como as artes, de forma a enriquecer a profissão como um condutor para facilitar a mudança social (Lippard e Dawson, 1997 como citado em Leonard et al, 2018).

Efetivamente, nos últimos anos, as investigações sobre e na área estão a focar-se no desenvolvimento teórico das artes no Serviço Social e numa perspectiva de pesquisa baseada nas artes – útil para se aplicar à prática profissional (Heinonen et al, 2018). Nissen (2017, p.703) refere “researchers in this area have found that while much is known about the merits of arts inclusion, many of the specific nuances of their positive impact remain elusive and should be further studied to provide additional leverage in increasing their utilization (...)”; Concretizada esta abordagem é possível integrar os princípios da arte em contexto de investigação qualitativa – isto é, fazer-se uso de uma pesquisa baseada nas artes enquanto metodologia integrativa ou em todas as fases da investigação de forma a visar a prática profissional (Leavy, 2018).

Mayor (2020) refere que a pesquisa baseada nas artes é uma prática de pesquisa orientada para a ação que utiliza a arte enquanto fonte legítima de conhecimento. Este tipo de pesquisa está alinhado aos princípios da prática do Serviço Social, o que mostra ser útil para envolver os participantes e os pesquisadores de forma a orientar a sua visão em direção à mudança social. Em decorrência, isto permite romper maneiras dominantes de conhecer e agir. Para este tipo de pesquisa utiliza-se uma variedade de abordagens e métodos artísticos com especial interesse no uso de artes visuais, como o desenho, a pintura, a colagem, e/ou o teatro, especialmente com grupos marginalizados como crianças e jovens, mulheres e refugiados, mesmo com os próprios profissionais.

Não obstante, apesar de ser um instrumento em expansão com investigações mais teóricas ou mais práticas, na realidade a arte e/ou intervenção artística é utilizada desde os finais do século XIX e inícios do século XX, com a Hull House de Jane Addams e Ellen Gates Star (Flynn, 2019; Flynn & Sela-Amit,

2019; Heinonen et al, 2018; Konrad, 2019; Mayor, 2020; Nissen, 2017). Apesar de ser um aspeto menos conhecido, as artes desempenharam um papel fundamental no projeto por dar oportunidade e reconhecer as inclinações artísticas e criativas de imigrantes (Flynn, 2019; Flynn & Sela-Amit, 2019; Heinonen et al, 2018; Konrad, 2019; Mayor, 2020; Nissen, 2017). Para além de apresentar uma dimensão socioeducativa de trabalho com grupos, desenvolveu igualmente um conjunto de programas comunitários com objetivo de combater às desigualdades sociais (Carvalho & Pinto, 2014). Addams tornou-se uma realidade matricial no Serviço Social influenciando duradouramente a profissão e os assistentes sociais e artistas, o que permitiu desenvolver metodologias e padrões para o planeamento, a pesquisa e prática comunitária. Como um método distinto, o seu trabalho continua a desafiar a opressão, a reduzir desigualdades e a comprometer-se com a justiça social (Thompson & Stepney, 2018).

Nos últimos anos, os investigadores e educadores em Serviço Social reconhecem nas artes, teorias centrais e complementares promotoras de mudança e transformação individual, resiliência, comunicação, capacitação e *empowerment* (Heinonen et al, 2018). Com efeito, as artes integram teorias psicológicas e sociais relevantes para o Serviço Social.

Para os investigadores Huss & Bos (2018), os elementos humanistas e resilientes são enfatizados. Deacon & Macdonald (2017:49) descrevem a psicologia humanista como “as a motivational theory, as it explores what inspires people to act and behave in particular ways”, ou seja, as artes possuem uma configuração única para o sujeito de intervenção da qual não pode ser definido e estigmatizado por terceiros; para além disso, é através das artes que o sujeito de intervenção, ao exprimir artisticamente sentimentos como dor e adversidade, consegue aumentar a resiliência (Benaton et al, 2019; Ching-Teng et al, 2019; Coholic et al, 2020; Maidment et al, 2020; Van Katwyk & Seko, 2019), por meio de interações simbólicas e de autoexpressão (Asakura et al, 2020; Ching-Teng et al, 2019; Corbett & Moxley, 2018; Flynn & Sela-Amit, 2019; Heinonen et al, 2018; Huss, 2017; Huss & Bos, 2018; Huss & Sela-Amit, 2019; Maidment et al, 2019; Mitchell et al, 2019; Segal-Engelchin et al, 2019; Van Katwyk & Seko, 2019).

Isto significa que a arte vai criar conexão entre a cognição, emoção e os sentidos propiciando um espaço seguro para aumentar a resiliência (Csikszentmihaly como citado em Huss e Sela-Amit, 2018 e Huss e Bos 2018). E, unindo a característica central das artes, a criatividade, abre espaço para que o sujeito de intervenção consiga expressar-se sendo por isso, uma ferramenta para estimular a transformação social.

O profissional (Huss & Sela-Amit, 2019), ao introduzir artes e os seus mecanismos criativos permite-se criar uma fonte de energia e inovação; um espaço seguro para a prática reflexiva (Heinonen et al, 2018; Robson, 2020) e análise das situações de stresse (Huss & Bos, 2018; Huss & Hafford-Letchfield, 2019). Esta base criativa vai contribuir para a formação de uma interpretação mais positiva da experiência profissional, assim como o alcance dos objetivos profissionais (Huss & Bos, 2018). Para

além desses fatores, propicia ainda a aprendizagem e o aumento da imaginação (Corbett & Moxley, 2018; Corley, 2020; Huss & Sela-Amit, 2019; Maidment et al, 2019; Rutten et al, 2017).

Observa-se então que a resiliência é muito relevante para o Serviço Social, uma vez que permite ao ser humano superar, adaptar e enfrentar as adversidades da vida; propicia o aumento da confiança, a autonomia, a autoestima e a capacidade de se lidar com o stresse, transformando o otimismo em uma arma de resposta à solução dos problemas (Benaton et al, 2019; Coholic et al, 2020; Rogers et al, 2017; Van Katwyk & Seko, 2019).

Com efeito, crianças e adultos conseguem expressar-se melhor e apresentar mais resiliência através do brincar, do trabalho e dos processos criativos (Benaton et al, 2019; Coholic et al, 2020; Corbett & Moxley, 2018). Para o Serviço Social é importante fazer uso destes meios simbólicos como o desenho, a dança e/ou o *photovoice* uma vez que podem conter múltiplos significados e oferecer novas maneiras para explorar questões desafiadoras, por comparação com palavras que são mais lineares (Heinonen et al, 2018; Huss & Sela-Amit, 2019; Huss & Bos, 2018; Mayor, 2020; Segal-Engelchin et al, 2019).

Além disso, a arte, que passa por ser um instrumento útil por aumentar a resiliência dos sujeitos de intervenção e dos profissionais, vai ainda potencializar a relação entre os dois (Corbett & Moxley, 2018; Corley, 2020; Huss & Sela-Amit, 2019; Maidment et al, 2019; Rutten et al, 2017). Isto ocorre uma vez que as artes são essencialmente um meio comunicativo, o que possibilita a comunicação entre os sujeitos e os profissionais e abre um espaço de diálogo para a comunidade (Segal-Engelchin et al, 2019; Heinonen et al, 2018; Huss & Sela-Amit, 2019).

Contudo, segundo Huss & Bos (2018), a conexão mais relevante para o Serviço Social é a capacidade de a arte ser uma metodologia para a capacitação e o *empowerment* é isto que o vai diferenciar de outras profissões como a arteterapia (Benaton et al, 2019; Hus & Bos, 2019; Maidment et al, 2020; Mitchell et al, 2019; Van Katwyk & Seko, 2019).

Efetivamente, Heinonen et al (2018) descrevem como as diferenças de percepção sobre a arte podem alterar a sua compreensão, dependendo da formação profissional, e é nesse ponto que investigadores alertam para a necessidade de diferenciar as artes no Serviço Social da arteterapia; pois apesar da sua eficácia nas intervenções, esta evidência que está centrada nos paradigmas do *self* subjetivo e descontextualizado, enquanto que para o Serviço Social é mais relevante focar-se no paradigma da pessoa no contexto – conceito que vai estar alinhado com pesquisa baseada nas artes em oposição à arteterapia (Huss & Sela-Amit, 2019).

Na prática, a arte é capaz de trazer um espaço de reflexão e um meio para explorar a experiência/intervenção. Isto significa que a arte permite fazer uma construção de uma base para coproduzir conhecimento e para aprofundar, explorar e/ou comunicar problemas sociais (Asakura et al, 2020; Huss & Sela-Amit, 2019; Nouvet et al, 2019; Segal-Engelchin et al 2019). Com efeito, a arte vai

ajudar o indivíduo a compreender a realidade, a partir do seu contexto social (Asakura et al, 2020; Benaton et al, 2020; Ching-Teng et al, 2019; Coholic et al, 2020; Corbett & Moxley, 2018; Huss & Hafford-Letchfield; 2018; Huss & Sela-Amit, 2019; Määttä 2020; Segal-Engelchin et al 2019; Van Katwyk & Seko, 2019) e, ao dar-se expressão às percepções e sentimentos individuais, construir novos significados e soluções para a mudança de comportamento a nível individual e comunitário (Huss, 2017; Huss & Sela-Amit, 2019; Nouvet et al, 2019; Segal-Engelchin et al 2019). Em consequência, criam-se experiências emocionalmente reflexivas, que são potenciadoras para a participação dos sujeitos neste tipo de intervenção artística (Asakura et al, 2020; Benaton et al, 2020; Ching-Teng et al, 2019; Coholic et al, 2020; Corbett & Moxley, 2018; Huss & Hafford-Letchfield; 2018; Huss & Sela-Amit, 2019; Määttä 2020; Nouvet et al, 2019; Segal-Engelchin et al 2019; Van Katwyk & Seko, 2019).

Por sua vez, o assistente social, ao compreender estas experiências e explorar os significados e ações dos sujeitos de intervenção, vai adquirir diferentes tipos de conhecimentos (Huss & Sela-Amit, 2019; Leonard et al, 2018; Segal-Engelchin et al, 2019), o que permite, em resultado, desestabilizar estereótipos (Määttä, 2020) e o pensamento automático (Huss & Bos, 2018). É, por isso, um espaço privilegiado para aumentar o pensamento crítico para as injustiças sociais (Nouvet et al, 2019).

Sobre isto, Heinonen et al (2018:4) afirmam “(...) is a vision of creative arts as a powerful means to address social injustice and catalyze social change, paving the way for individual and collective transformation for our clients (...); o profissional passa então a ser o responsável para que vozes silenciadas sejam ouvidas e intensificadas (Corbett & Moxley, 2018; Määttä, 2020; Mayor, 2020; Nouvet et al, 2019).

Observa-se que estes resultados estão intrinsecamente ligados a área, uma vez que o Serviço Social é “(...) uma profissão de intervenção e uma disciplina académica que promove o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o *empowerment* e a promoção da Pessoa. Os princípios de justiça social, dos direitos humanos, da responsabilidade coletiva e do respeito pela diversidade são centrais ao Serviço Social.” (APSS, 2014; IFSW, 2014). Logo, enquanto profissão inserida numa sociedade com problemas sociais cada vez mais complexos e diversificados (Ewijk, 2018), ao fazer uso de perspetivas, abordagens e ferramentas artísticas, mostra ser útil para abordar questões como a desigualdade, a opressão, a pobreza e os direitos humanos (Heinonen et al, 2018).

É, por isso, bastante relevante para a pesquisa e prática focadas em indivíduos, grupos e/ou comunidades em situação de vulnerabilidade (Coholic et al, 2020; Nouvet et al, 2019; Segal-Engelchin et al 2019), uma vez que vai permitir criar ferramentas para enfrentar e desafiar as desigualdades estruturais e promover a justiça social de forma a contestar danos sociais (Benaton et al, 2020; Bowles, 2018). Contudo, também o é por promover o trabalho em grupo e em comunidade (Benaton et al, 2020; Ching-Teng et al, 2019; Coholic et al, 2020; Corbett & Moxley, 2018; Denov & Shevell, 2019;

Maidment et al, 2020; Nouvet et al, 2019; Segal-Engelchin et al, 2019; Van Katwyk & Seko, 2019) e potenciar a solidariedade e empatia entre as pessoas (Mitchell et al, 2019; Nouvet et al, 2019).

De facto, aplicado ao caso português observa-se uma nova realidade, onde a arte se transforma em ferramenta para o Serviço Social e comunidades. Fala-se de uma tríade entre as artes, o Serviço Social e a intervenção comunitária que, nos últimos anos, está a ganhar espaço entre as novas iniciativas portuguesas. Numa lógica de intervenção social comprometida com os direitos humanos, onde se assume um pensamento crítico, reflexivo, ético e criativo (Marques, 2013). Estes projetos trabalham com e para a comunidade no sentido de amenizar “desigualdades sociais e para uma maior autonomia de pessoas e comunidades mais desfavorecidas” (Fundação Calouste Gulbenkian, 2021).

Graças a iniciativas como a PARTIS, da fundação Calouste Gulbenkian e Portugal Inovação Social, é possível observar cada vez mais projetos com abordagens alternativas e inovadoras, que respondem aos problemas sociais e que mostram o papel que as artes podem ter em comunidades mais vulneráveis. São projetos realizados em diversas regiões do país que criam abertura para a inclusão de uma aprendizagem permanente e igualdade que permita a redução de desigualdades através de práticas artísticas, como as plásticas, audiovisuais e/ou performativas.

Deste modo observa-se que, no geral, as artes são oportunas para prática profissional do assistente social e, em um nível teórico e prático, têm muito a oferecer para os sujeitos de intervenção, para os profissionais e para a própria área. De facto, como consequência, há cada vez mais alunos, professores e profissionais interessados em investigar os efeitos das artes para a prática profissional (Flynn, 2019). No entanto, Konrad (2019) aborda esta relação através de um ponto de vista diferente, enfatizando os dilemas relacionados com a ética, os objetivos e interesses conflitantes. Esta relação, de facto, apresenta os seus desafios e os investigadores alertam para a necessidade de regras (Konrad, 2019), assim como, o conhecimento e a qualificação (Ching-Teng et al, 2019; Corley, 2020; Huss & Sela-Amit, 2019, Konrad, 2019; Van Katwyk & Seko, 2019).

Quando são adequadamente aplicadas à prática, as artes promovem o bem-estar e a cura para a transformação individual e comunitária. No entanto, a arte ao ser uma linguagem nova para os sujeitos de intervenção pode desencadear fortes emoções e perceções que precisam de ser bem trabalhadas; o assistente social precisa de estar preparado para lidar com estes sentimentos e emoções (Heinonen et al, 2018; Huss & Sela-Amit, 2019).

Estas questões são válidas e importantes, uma vez que a arte não pode ser considerada uma “cura para tudo” (Mitchell et al, 2019), pois pode tornar-se numa ferramenta de opressão entre as interações do assistente social e o sujeito de intervenção (Asakura et al, 2020; Huss & Sela-Amit, 2019; Konrad, 2019). Enfatiza-se então a necessidade de a arte não ser vista através da lente estética e do diagnóstico, mas como uma ferramenta facilitadora para o diagnóstico (Huss & Sela-Amit, 2019; Konrad, 2019;

Segal-Engelchin et al, 2020), ou seja, como um gatilho para a narrativa (Segal-Engelchin et al, 2019; Huss, 2017). O seu uso indevido pode levar a conclusões incorretas que podem afetar a vida dos sujeitos de intervenção (Konrad, 2019). Excluindo essa razão, há necessidade de se avaliar o contexto e a cultura para produzir pesquisas eticamente eficazes (Huss & Sela-Amit, 2019; Konrad, 2019; Mitchell et al, 2019; Segal-Engelchin et al, 2019).

Ademais, apesar de existir um esforço que justifique outras maneiras de conhecimento, os investigadores alegam que “now, in the second decade of the 21st century, investigation of the arts in social work is rare, and the evidence that exists is spotty” (Konrad, 2019:694). Este interesse pelo uso das artes cresce com um contrapeso, pois “the lack of a theoretical foundation for the arts in social work has thus resulted in the marginalization of arts practice in the field” (Huss & Sela-Amit, 2019:721).

Ou seja, o Serviço Social, por não ter uma estrutura metodológica artística que justifique a inclusão para a profissão, propiciou para que as últimas décadas fossem pautadas pela negligência dos assistentes sociais ao utilizar a arte dentro do campo social “ambivalence, marginalization, and neglect that characterize the engagement of social work professionals with the creative arts (...)” (Flynn & Sela-Amit, 2019:686). Ainda há a necessidade de desmistificar a arte para os assistentes sociais, pois muitas vezes se pensa através da lente artística e não através de paradigmas psicológicos e sociais, e como as artes podem ser úteis para os objetivos do Serviço Social (Huss & Bos, 2018).

De forma a promover e potencializar esta relação, há necessidade de mais estudos (Denov & Shevell, 2019; Flynn & Sela-Amit, 2019; Konrad, 2019; Travis Jr., 2019) e amostras mais diversas para maior divulgação de resultados (Travis Jr., 2019) “for a more rigorously conceptualized and refined engagement and a better philosophical grounding than the one we have at present” (Flynn & Sela-Amit, 2019:686). Dessa maneira, ao potencializar as artes na pesquisa e educação, abre-se um leque de possibilidades para a prática do Serviço Social (Flynn, 2019; Segal-Engelchin et al 2019; Travis Jr., 2019) que mostra ser útil, pois esta é uma metodologia que permite integrar diversos elementos para a prática de mudança micro, meso e macro, assim como, para o ensino e na formulação de políticas (Travis Jr., 2019).

## **CAPÍTULO 2 - QUADRO TEÓRICO/ANALÍTICO**

### **2.1 A Prática artística no desenvolvimento comunitário do Serviço Social**

Tomar-se-á como referência a sistematização de Riggs & Pulla (2014), sobre a “prática artística no desenvolvimento comunitário do Serviço Social”, que tem por base as seguintes dimensões teórico-conceituais: a) respeito a dignidade humana e o seu valor; b) competências profissionais; c) integridade; d) justiça social; e e) serviço à humanidade. Por sua vez, outro referencial teórico que será tido em conta para a presente dissertação, é o paradigma da pessoa em contexto de Huss & Sela-Amit (2019), algo que vai estar alinhado com o Serviço Social e as artes.

Desta maneira é fundamental caracterizar o desenvolvimento comunitário através da lente do Serviço Social para, conseqüentemente, relacionar com a arte. Posto isto, entende-se que o Serviço Social Comunitário assume diversas terminologias como “desenvolvimento comunitário”, “organização da comunidade”, “intervenção comunitária”, sendo que as comunidades são centrais para a história e desenvolvimento do Serviço Social (Herranz & Nadal, 2010).

O desenvolvimento comunitário é identificado como um método de intervenção social importante, no qual se pode trabalhar com comunidades oprimidas, desfavorecidas e marginalizadas pela sociedade. É um método com a finalidade de desenvolver as capacidades pessoais, de grupos e conseqüentemente, a nível comunitário, para os sujeitos de intervenção assumirem o controlo coletivo e responsabilidade pelo próprio desenvolvimento. Ou seja, promove-se uma ação coletiva de bem-estar e não uma abordagem individualizada. Efetivamente, o foco do desenvolvimento comunitário passa por oferecer mecanismos que vão ajudar as comunidades a tomarem decisões autónomas sobre as suas necessidades e a promover a autoajuda e a solidariedade dos sujeitos de intervenção. Esta é a base do desenvolvimento comunitário (Goel et al, 2014; Herranz & Nadal, 2010).

Para isso, conta-se com o apoio dos assistentes sociais, agentes de mudança, que trabalham para encontrar soluções baseadas na comunidade, de forma a responder às questões sociais contemporâneas (Goel et al, 2014; Hardcastle et all, 2011). Chega-se a um parecer em que os profissionais devem estar orientados por um texto guia, que se traduz por valores e princípios defendidos e baseados nos direitos humanos, justiça e ecologia (APSS, 2018; CASW, 2005; IFSW, 2014; NASW, 2008; OCSWSSW, 2008). Falamos de:

#### **2.2.1 Dignidade humana e o seu valor**

Segundo a Associação dos Profissionais de Serviço Social (2018), por dignidade humana, um princípio ético do Serviço Social, é a forma como o sujeito se vê e a relação que possui com os outros e sociedade, o que é indissociável aos direitos e responsabilidades inerentes. Pela dignidade humana é possível promover a capacitação dos sujeitos para atuarem de forma livre e responsável, os assistentes sociais

devem estar conscientes da responsabilidade dos interesses dos sujeitos de intervenção como da sociedade, o que vai estar consolidado com os princípios éticos, valores e padrões éticos da profissão. Com efeito, entende-se por dignidade humana:

Tratamento do sujeito de intervenção de forma respeitosa, cuidadosa e imparcial, tendo em consideração as diferenças culturais, étnicas e individuais, sem que possa estar sujeito a julgamentos depreciativos e/ou discriminatórios;
Sentimento de pertença a um grupo;
Sentimento de segurança para demonstrar as necessidades, os desejos e os medos, num ambiente acolhedor;
Reconhecimento e valorização das experiências pessoais e trajetória de vida;
Direito ao benefício da dúvida, no sentido em que há sempre uma razão para a escolha dos atos;
Necessidade de escuta ativa e compreensão para a expressão das ideias e opiniões;
Responsabilidade dos próprios atos que possam ter violado a dignidade de outros sujeitos, grupos ou comunidades;
Independência para a escolha de novas experiências, oportunidades e etapas de vida.

**Tabela 1** – Dignidade humana e o seu valor (APSS, 2018).

### 2.2.2 Competências profissionais

Para a prática profissional, o assistente social enquanto profissional de intervenção social necessita de desenvolver e reforçar, continuamente, os conhecimentos e competências profissionais de forma a exercer uma prática responsável e devidamente qualificada (National Association of Social Workers, 2008). Ao atuar a nível inter e transdisciplinar, com e para as pessoas, é importante que os assistentes sociais possuam capacidades apropriadas à prática, assim como, um conjunto de competências específicas e complementares entre si, nomeadamente:

<b>Políticas</b> – Influenciar o sistema político e opinião pública de forma a consciencializar e mobilizar os sujeitos e grupos para a defesa dos seus direitos;
<b>Relacionais</b> – Criar uma relação de confiança, respeito empatia e cooperação para a construção de redes e parcerias;
<b>Psicossociais</b> – Desenvolver processos de capacitação, ajuda e acompanhamento social e suporte sociopedagógico;
<b>Assistenciais</b> – Garantir resposta às necessidades básicas dos sujeitos;
<b>Técnico-operativas e reflexivas</b> – Ter capacidades apropriadas segundo a abordagem científica, sensibilidade no uso do poder e observação cuidadosa.

**Tabela 2** – Competências (APSS, 2018)

### 2.2.3 Integridade

Para a prática profissional, os assistentes sociais necessitam trabalhar conscientes da missão, dos princípios, dos valores e das normas éticas da profissão, para agirem de forma responsável nas organizações a que estão afiliados. Para o princípio ético da integridade profissional pressupõe-se que se deve:

Colaborar para uma sociedade mais igualitária e justa de forma a reduzir formas de discriminação e opressão;
Cooperar para a contínua dignificação da profissão e classe profissional;
Desenvolver conhecimento adequado para a prática profissional;
Criar uma atitude profissional pautada pela cooperação e solidariedade para com os pares e colegas de outras profissões, ao passo que se respeita diferentes opiniões e orientações ideológicas, metodológicas e científicas;
Transmitir aos futuros profissionais os conhecimentos e as competências mais atualizadas possível, a partir dos parâmetros teórico práticos;
Promover, no campo da investigação, um conhecimento científico livre de plágio, atendendo ao tratamento de dados da realidade com respeito pelas fontes e postura ética. A isto vai resultar um produto final que possa promover a intervenção na realidade, contemplando ainda o consentimento informado e o anonimato, caso seja necessário, dos participantes;
Usar, de forma ética, a informação, a comunicação social e a tecnologia.

**Tabela 3** – Integridade (APSS, 2018)

### 2.2.4 Justiça Social

Para os assistentes sociais, a justiça social é um valor fundamental que permite alcançar a mudança social e fazer uma distribuição equitativa dos recursos materiais para o acesso aos serviços fundamentais à proteção dos sujeitos e grupos mais vulneráveis. (Goel et al, 2014; Hardcastle et all, 2011) Com efeito, a universalidade de acesso a políticas e medidas de bens e serviços, o funcionamento de estruturas e sistemas que respeitem a dignidade humana e a distribuição equitativa de recursos são dimensões que vão potencializar a justiça social (APSS, 2018). No entanto, o assistente social ainda deve comprometer-se com:

Mudança social e desenvolvimento humano;
Coesão social, a solidariedade e a sustentabilidade ambiental;
Participação e inclusão social dos sujeitos e família em situação de vulnerabilidade;
Combate à discriminação e fomento da igualdade de oportunidades;

Luta contra a política e as práticas opressivas e injustas;
Emancipação dos sujeitos de intervenção, famílias e comunidades.

**Tabela 4** – Justiça social (APSS, 2018)

### 2.2.5 Serviço à humanidade

Na prática profissional, os assistentes sociais precisam igualar as suas necessidades, direitos e liberdades individuais com os interesses coletivos para o serviço à humanidade. Isto significa que, ao atuar, os assistentes sociais precisam colocar as necessidades dos outros em prioridade, e agir de forma disciplinada e responsável quando se está no desempenho da profissão. Fora isso, deve-se:

Promover o desenvolvimento individual e da sociedade;
Utilizar conhecimentos e competências para resoluções justas e apoiar os sujeitos de intervenção afetados pelos conflitos.

**Tabela 5** – Serviço à humanidade (CASW, 2005)

Segundo Riggs & Pulla (2014), alinhado aquilo que são os valores e princípios do Serviço Social, pode-se considerar as artes dentro do Serviço Social, uma vez que ambas apresentam uma visão e compromisso semelhantes de soluções e do bem-estar individual e comunitário. O propósito do Serviço Social e do desenvolvimento comunitário passa por melhorar e proporcionar novas aptidões, tanto criativas como pessoais que promovem a resiliência (Pulla, 2013).

Segundo estas autoras (2014), falamos de um Serviço Social e desenvolvimento comunitário que utilizam a arte enquanto um recurso que vai apoiar e entender os sujeitos de intervenção e as comunidades, pois, enquanto os assistentes sociais procuram compreender as emoções, sentimentos e conflitos conscientes e inconscientes, as artes vão permitir e incentivar a expressão das emoções, memórias e ideias, sendo uma ocasião favorável para explorar a mentalidade da comunidade.

Quando os sujeitos de intervenção se sentem livres para expressar as suas histórias e como se sentem, abre-se espaço para falar sobre as suas esperanças, sonhos e visões e, para o Serviço Social e desenvolvimento comunitário, compreender que estes pontos fortes contribuem para a mudança e assim, reforça-se o potencial dos sujeitos de intervenção e, conseqüentemente, as comunidades (Riggs & Pulla, 2014).

### 2.2 Paradigma da pessoa em contexto

Este quadro teórico da “prática artística no desenvolvimento comunitário do Serviço Social” (Riggs & Pulla, 2014) apresenta a sua eficácia através de um significativo corpo de pesquisa para a utilização das artes no desenvolvimento da comunidade, no qual as autoras alertam o potencial da colaboração entre

os assistentes sociais, outros trabalhadores de desenvolvimento comunitário e educadores e os artistas. No entanto, tal como refere Huss e Sela-Amit (2018), a perspectiva trabalhada deve estar alinhada ao paradigma da pessoa em contexto.

Isto significa que para relacionar as artes no desenvolvimento comunitário do Serviço Social deve trabalhar-se a partir do contexto sociocultural dos sujeitos de intervenção e comunidades. Ou seja, criar-se uma interpretação pessoal do seu contexto sociocultural que vai estar interligada com a resolução dos problemas dentro desse contexto (Huss e Sela-Amit, 2018).

Adams (2012) refere que o contexto da pessoa são os traços incorporados do envolvimento da pessoa com as suas estruturas ecológicas e, para uma intervenção eficaz, as pessoas devem ser o centro do interesse (Perth, 1993). Ou seja, o profissional precisa ter em conta as construções da realidade do indivíduo, uma vez que o trabalho vai estar condicionado e influenciado por aquilo que elas são. Deste modo, as pessoas são, de facto, o centro de interesse da intervenção do assistente social.

Logo, parte-se do pressuposto que, ao trabalhar com e para os indivíduos a visar a mudança social e pessoal, o contexto da pessoa é o ponto de referência para a intervenção. Assim, o Serviço Social precisa criar investigações centradas no paradigma da pessoa em contexto, algo que vai estar alinhado à pesquisa baseada em artes (Huss e Sela-Amit, 2018).

Em conformidade ao quadro das semelhanças entre a prática artística, desenvolvimento comunitário e os valores e princípios do Serviço Social (Riggs & Pulla, 2014) é necessário agregar o paradigma da pessoa em contexto (Huss & Sela-Amit, 2019).



**Figura 1** – Elaboração própria na base de Riggs & Pulla, 2014 e Huss & Sela-Amit, 2019

## **CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA**

No presente capítulo será apresentada a metodologia da investigação, da qual compõe toda a pesquisa primária conduzida. Para isso, importa responder à questão de partida “quais são os elementos constitutivos de uma intervenção social que tenha por base metodologias artísticas na perspetiva do Serviço Social?” tendo como objeto de estudo a “intervenção do Serviço Social Comunitário através das metodologias artísticas”. Esta investigação tem como referência a “prática artística no desenvolvimento comunitário do Serviço Social de Riggs & Pulla (2014) e o paradigma da pessoa em contexto de Huss & Sela-Amit (2019) onde a análise terá enfoque, a nível nacional, de projetos que disponham de assistentes sociais, que estejam a trabalhar com a comunidade e a utilizarem metodologias artísticas. O propósito passa por dar visibilidade à prática do Serviço Social Comunitário a utilizar artes.

Para responder à questão de partida tem-se como objetivo geral: “Elaborar uma proposta de base artística para o Serviço Social Comunitário”, e como objetivos específicos: “Compreender como os assistentes sociais percecionam o uso das artes no Serviço Social”; “Perceber como os assistentes sociais incorporam as artes nos objetivos da profissão”; “Determinar quais as potencialidades e fragilidades das artes nas comunidades” e “Sistematizar dimensões das artes na prática do Serviço Social nas comunidades”. Assim, apresentada a contextualização do objeto de estudo, dá-se espaço para conhecer os demais pontos chave de compreensão do estudo.

### **3.1 Campo empírico: universo e amostra**

Tendo em consideração o objeto de estudo, o campo empírico desta investigação é abrangente e plural, uma vez que estas entidades comunitárias trabalham em diversas áreas de intervenção, nomeadamente com crianças e jovens, com idosos, com comunidade cigana e com população em situação de vulnerabilidade económica. Para além da abrangência nas áreas de intervenção, o mesmo se passa relativamente a sua localização, uma vez que falamos de instituições que se encontram no distrito de Lisboa, Leiria, Castelo Branco e Caldas da Rainha.

Estas entidades estão apoiadas por programas e iniciativas sociais que financiam projetos artísticos que contribuem para a redução das desigualdades sociais. Falamos do programa PARTIS, uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal Inovação Social e o programa Escolhas, um programa governamental, de âmbito nacional. Neste sentido foi realizada uma verificação através destas organizações e, para se chegar ao resultado pretendido, foram contactadas 28 entidades.

Programa PARTIS, tem como objetivo financiar projetos artísticos inovadores para a inclusão social em Portugal, procura-se incentivar a criação de respostas para necessidades sociais numa ótica de inclusão e justiça social de cidadãos em maior vulnerabilidade social (Fundação Calouste Gulbenkian, 2021). Este programa deu a conhecer 6 instituições, das quais 5 responderam e concederam participar nesta investigação. Quanto a Portugal Inovação Social, uma iniciativa pública, 6 instituições foram

contactadas, das quais uma se disponibilizou a fazer a entrevista, de 3 não se obtiveram resposta e as outras duas não possuíam assistente social na equipa. Pelo programa Escolhas fez-se uma tentativa de comunicação com 7 instituições, porém nenhuma retornou resposta. Foram ainda identificados contactos, gentilmente concedidos por colegas assistentes sociais, de 9 instituições, duas aceitaram participar na investigação, enquanto duas não possuíam assistente social na equipa e as restantes 5 não responderam ao pedido de solicitação.

Relativamente ao universo desta investigação, os participantes assumem-se enquanto assistentes sociais a intervir com a comunidade em projetos a usar as metodologias artísticas. Quanto à amostra, optou-se por utilizar a abordagem de amostra não probabilística, uma vez que esta perspetiva de amostra é estratégica, visto recolher deliberadamente um conjunto de indivíduos retirados de uma população elegível de inclusão, do qual permite responder às questões de investigação. Posto isto, a amostra compõe-se de 6 assistentes sociais e 1 profissional licenciada em Educação de infância (Aires, 2015; Given, 2008; Ravitch & Carl, 2021).

### **3.2 Lógica e estratégia de investigação**

Esta investigação constitui-se enquanto um estudo exploratório, visto existir a necessidade de mais investigações em Portugal em que se faça a articulação entre a teoria e a prática no Serviço Social Comunitário e as práticas artísticas (Denov & Shevell, 2019; Flynn & Sela-Amit, 2019; Konrad, 2019; Travis Jr., 2019). Pois, apesar de existirem projetos administrados por assistentes sociais, ainda há uma grande falta de informação no que concerne a esta temática.

No que respeita à lógica e estratégia desta metodologia, esta apoia-se pelo método indutivo, sendo que a indução é uma forma de raciocínio utilizada para o conhecimento e compreensão, estabelecendo relação entre a teoria e a observação. O objetivo passa por descrever as características dos indivíduos e situações sociais, para à posteriori determinar a natureza dos padrões das relações. Assim que estas características e padrões são estabelecidos, isto é, usados enquanto explicação de eventos ocorridos (Blaikie & Priest, 2019).

Geralmente estes métodos estão associados a abordagens qualitativas, onde há uma estreita relação entre a teoria, estratégias de pesquisa, métodos de recolha e posterior análise (Aires, 2015). Vai-se priorizar a complexidade e a subjetividade das experiências sentidas e estes processos de investigação permitem estudar temas relevantes, recolhidos no ambiente do participante em que o foco passa por prestigiar os significados individuais e considerar a complexidade das situações (Given, 2008; Ravitch & Carl, 2021).

### **3.3 Técnica de recolha de dados**

A seleção das técnicas utilizadas constitui-se enquanto uma etapa significativa no processo de pesquisa uma vez que desta vai depender a concretização dos objetivos da investigação. Segundo Ravitch & Carl (2021), a entrevista assume-se enquanto uma prática conversacional, ou seja, um diálogo unidirecional entre o entrevistador e o entrevistado, pelo qual se pode explorar as perspetivas dos sujeitos. Assim, as entrevistas são centrais para a investigação qualitativa, uma vez que fornece dados contextualizados, ricos e individuais (Aires, 2015).

Para esta investigação opta-se por se realizar uma entrevista semiestruturada – comumente utilizada nas ciências sociais, de forma a dar mais liberdade ao entrevistado e flexibilidade para que novas perguntas sejam apresentadas. (Ruslin et al, 2022). Para além disso, a entrevista semiestruturada têm fins comparativos e representativos, de forma a comparar as respostas e a remetê-las para as dimensões/temas comuns que vão ser analisados (Given, 2008).

De uma forma geral, o guião de entrevista combina 3 dimensões/temas, nomeadamente: (1) *o sujeito de intervenção*, (2) *o assistente social* e (3) *a intervenção pelas artes*. Sendo a recolha de dados iniciada a 11 de abril de 2022 e encerrada a 21 de julho de 2022 e realizada através da plataforma Zoom. Esta passou a ser a opção mais viável uma vez que estes participantes se encontravam numa grande dispersão geográfica.

Esta plataforma oferece recursos como reuniões online, serviço de mensagens e a gravação segura das sessões. Esta última característica mostra ser importante, uma vez que a questão da proteção de dados é altamente necessária nas investigações, e por poder auxiliar o entrevistador a fazer a transcrição das informações partilhadas dos entrevistados e posterior análise do que for dito, após a visualização da gravação (Archibald et al 2019).

### **3.4 Análise de dados – análise de conteúdo**

Após a recolha de dados, a informação processada tem um valor inestimável, no qual é necessário desenvolver um processo analítico rigoroso tendo em conta os dados obtidos. É preciso questionar-se sobre os seus significados e explorá-los conforme os métodos mais adequados para se obter os resultados delineados às perguntas inicialmente formuladas (Vilelas, 2009).

Na prática, o objetivo da investigação qualitativa passa por produzir resultados e, para isso, é necessário proceder-se a análise do conteúdo que vai permitir compreender melhor o fenómeno estudado – esta relação entre o Serviço Social e as práticas artísticas/artes. Para isto há que interpretar os dados, ou seja, codificar as respostas quanto aos objetivos, tendo em atenção ao rigor, confiabilidade e fidedignidade das informações obtidas (Newome, 2016; Oliveira, 2005; Patton, 1990).

Para análise e interpretação dos dados obtidos fez-se uso do programa informático para análise dos dados qualitativos, MAXQDA, uma vez que com este programa é possível minimizar as imprecisões sentidas na compreensão da realidade estudada. Este *software* permite que as informações partilhadas pelos entrevistados estejam organizadas, o que torna mais fácil o processo de filtrar, localizar e identificar o conjunto dos dados. (Evers, 2011).

Isto, efetivamente, permite rever e examinar a informação de forma global e viabilizar, de forma mais direta, a relação dos dados. Deste modo, a investigação é feita de forma mais transparente, uma vez que os resultados obtidos nas entrevistas vão ser realçados pelas ferramentas do *software*, através dos mapas semânticos, o que vai dissipar possíveis enviesamentos involuntários. A utilização do MAXQDA facilita, claramente, a transparência e organização deste estudo, o que vai em consequência aumentar a qualidade da investigação (Evers, 2011).

### **3.5 Dificuldades e limitações**

Durante e um o processo de investigação é inevitável o surgimento de dificuldades e limitações e este não foi exceção. A primeira dificuldade deveu-se ao surgimento da pandemia de COVID-19 que influencia todo o trajeto desta investigação. Esta nova realidade, responsável pelo surgimento de alterações sociais e económicas influenciou e desencadeou vários fatores que afetaram a saúde mental da população neste período, nomeadamente ansiedade, para além de que evidenciou e destacou ainda mais o carácter solitário da dissertação. Para contrariar isso, o processo de escrita sofreu uma alteração e um ajuste na coordenação de tempo, de forma a balancear a boa disposição física e mental. Para além disso, a investigação foi pautada por uma profunda exigência e demanda por abordar e tratar de um tema tão rico e complexo, mas ao mesmo tempo tão desconhecido para a investigadora. Pois, apesar de as artes estarem presentes no quotidiano, fazer esta ligação com o Serviço Social foi desafiante, no entanto, um processo muito enriquecedor e gratificante.

No que respeita às limitações, estas prenderam-se essencialmente pela falta de resposta das entidades contactadas trazendo interrogações e receios se o processo previamente delineado seria ou não viável na investigação. Fora esse fator, a questão de ser uma investigação focada no profissional de Serviço Social limitou e excluiu outras entidades, evidenciando ainda mais a urgência em destacar esta relação do Serviço Social e artes.

### **3.6 Aspetos éticos**

No que respeita aos aspetos éticos de uma investigação empírica em ciências sociais, entende-se que, para a construção de uma investigação há necessidade de promover o cumprimento de padrões éticos para a proteção dos participantes, de quem faz a investigação e a instituição que se enquadra (Almeida, 2017). Isto significa que a investigação deve basear-se por princípios e orientações que salvaguardem e protegem a dignidade, segurança e bem-estar dos participantes, ao passo que a segurança e a reputação

da investigadora estejam resguardadas para promover a qualidade da investigação (Almeida, 2017; ISCTE-IUL, 2020).

Estes princípios e orientações éticos são: a transparência, a autodeterminação, a autonomia e a confidencialidade. O direito à transparência remete para a veracidade dos procedimentos dos dados, dos resultados, das interpretações e das eventuais implicações ao passo que se reconhece os contributos dos terceiros. Para além disso, este princípio assegura também a prestação de contas, pela comunidade académica, todos os procedimentos e atividades para a aprovação ética sem utilizar e/ou ocultar as más práticas de investigação. Já o direito à autodeterminação é um princípio que vai estar muito relacionado à responsabilidade no que corresponde ao impacto da investigação nos participantes. Isto significa que o respeito à autodeterminação deve ser garantido de forma a minimizar os riscos para a saúde e bem-estar físico e/ou psicológico e no ambiente, de forma a diminuir impactos nocivos e promover-se uma gestão sustentável dos recursos disponíveis. O direito à autonomia enfatiza que os participantes devem ser autónomos nas suas decisões, sem justificações a terceiros e limitações em seu arbítrio (Severino, 2015). Por fim, o direito à confidencialidade, no contexto da investigação, é uma orientação necessária para garantir que só se deve recolher dados pessoais estritamente necessários ao estudo e que a informação recolhida seja tratada de forma confidencial (ISCTE-IUL, 2020).

Com efeito, para que estas medidas sejam adotadas e que se cumpra os padrões éticos é necessário ter-se em consideração que este processo se inicia imediatamente na recolha de dados, sendo um momento fulcral em que os participantes dão o consentimento informado, quer pela entrevista como pela gravação, um momento em que ninguém pode ser coagido ou obrigado a participar. Seguido este consentimento, os participantes recebem as seguintes informações: “(1) objetivos gerais do estudo, tempo estimado e características gerais da sua participação; (2) direito a recusar participar no estudo, e a interromper a participação em qualquer momento; (3) eventuais riscos, desconfortos ou outros efeitos adversos associados à participação; (4) eventuais benefícios associados à participação; (5) eventuais limites à confidencialidade; (6) incentivos à participação, quando houver; (7) quem contactar no caso de desejar fazer perguntas ou comentários sobre o estudo” (ISCTE-IUL, 2020, pp. 4).

## CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo abre-se espaço para a reflexão e para a articulação entre a teoria suportada pelo estado da arte e o quadro teórico/analítico, assim como, a realidade que foi analisada através das entrevistas aos profissionais. É imperativo fazer esta relação de forma a se tirar conhecimento e recolher informações para futuras abordagens, e responder às questões e objetivos que foram manifestados no decorrer desta investigação.

Para isso, serão analisadas as três dimensões/temas que corresponderam ao guião de entrevista, nomeadamente: (1) o sujeito de intervenção, (2) o assistente social e (3) a intervenção pelas artes, sendo que os capítulos serão estruturados consoante os objetivos da investigação.

### 4.1 Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

Género				
	Feminino		Masculino	
	6		1	
Idade				
	30-40		40-50	
	4		3	
Formação Académica				
Licenciatura	Pós-graduação		Mestrado	Doutoramento
7	2		1	1
Local de Trabalho				
Leiria	Lisboa		Castelo Branco	Caldas da Rainha
3	2		1	1

**Tabela 6** – Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

Relativamente a amostra apresentada, esta conta com 7 profissionais, sendo 6 assistentes sociais das mais diversas áreas e uma profissional licenciada em Educação de Infância associada a um dos projetos. É de ressaltar que para esta investigação foi importante contactar esta profissional, uma vez que se encontrava a substituir a assistente social do projeto. Acabou-se por entrevistar tanto uma como a outra, mas as informações ficaram mais ricas com duas perspetivas do mesmo trabalho.

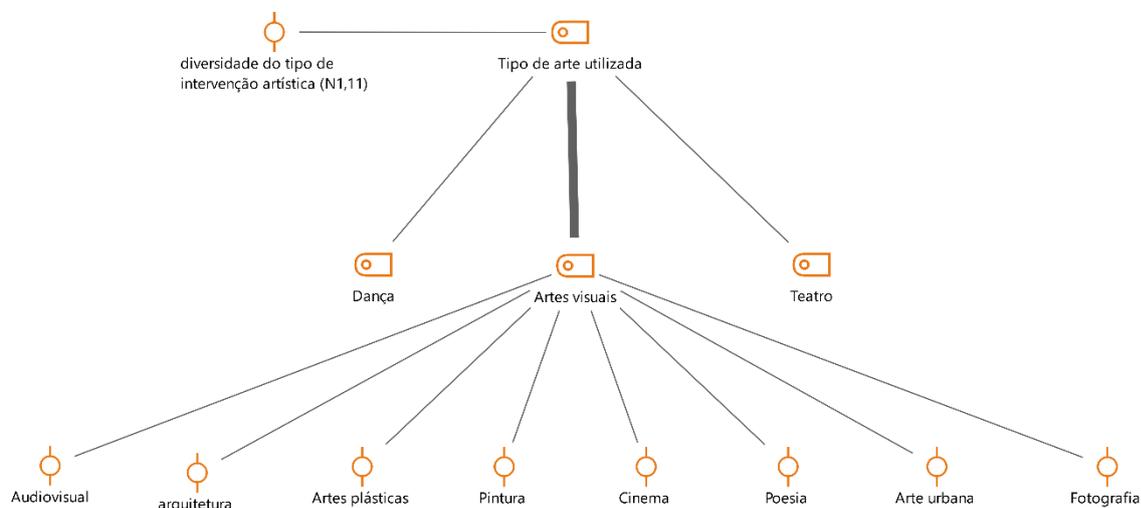
No que respeita á formação académica, estes profissionais são licenciados em Serviço Social e Educação de infância, sendo que 2 profissionais desta amostra são pós-graduados em Terapia Familiar e Comunitária e em Práticas Artísticas e Inclusão Social e 1 profissional Mestre em Economia Social e Solidária, assim como Doutorado em Sociologia. É perceptível, quanto ao local de trabalho, que o uso das metodologias artísticas abrange várias regiões do país, não se concentrando unicamente em Lisboa. Nota-se então que estes projetos têm incidência em Leiria (3), Lisboa (2), Castelo Branco (1) e Caldas da Rainha (1). Ademais, é perceptível que nesta investigação há uma predominância feminina, sendo que

existe apenas 1 entrevistado do sexo masculino, com uma média de 39, 85 anos (min.: 34 anos; máx.: 48 anos).

#### 4.2 Percepção do profissional do uso das artes no Serviço Social

Para este objetivo é necessário determinar como os assistentes sociais percebem o uso das artes no Serviço Social, para tal foram questionados sobre o que depreendiam de uma intervenção pelas artes e a relação existente da arte e o Serviço Social.

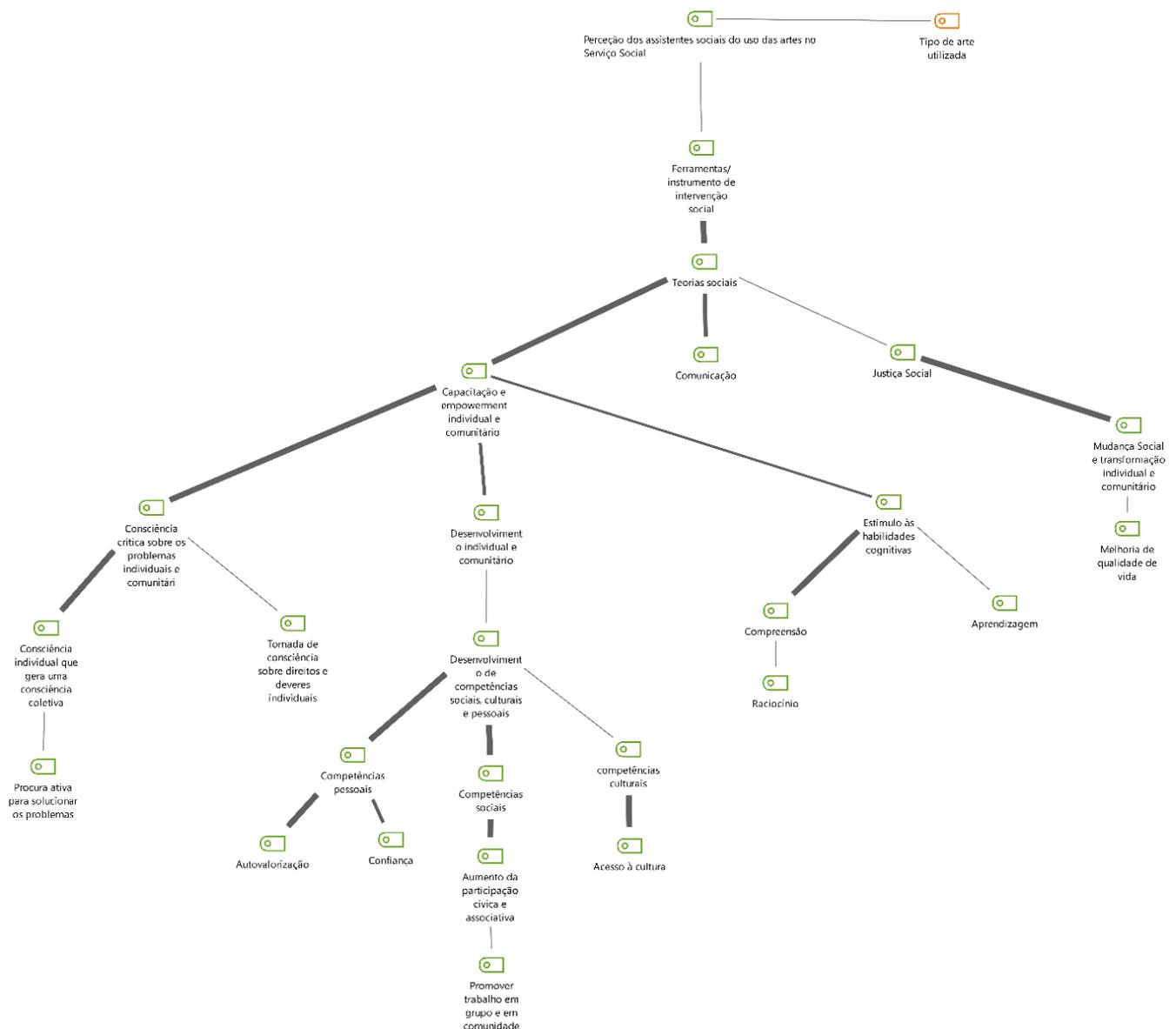
Porém, um ponto importante a abordar diz respeito ao tipo de metodologia utilizada nos projetos e de como isso influencia ou não as intervenções apresentadas.



**Figura 2** – Tipo de arte utilizada (construção feita a partir da análise das entrevistas no programa MAXQDA)

Efetivamente, através da análise pelo sistema de códigos do MAXQDA entende-se que há uma diversidade do tipo de intervenção artística (P1), apesar de todos os participantes mostrarem um interesse maior pelas artes visuais. Fala-se do audiovisual, arquitetura, artes plásticas, pintura, cinema, poesia, arte urbana e fotografia, apesar de também ter sido trabalhado a dança e o teatro. Este fenómeno é explicado por Segal-Engelchin et al (2019:5) “Using visual art media for individual and social transformation can produce powerful expression, insights, and empowerment for people”. Logo a forma como foi realizada a intervenção aplica-se ao trabalho efetuado, essencialmente, com as artes visuais.

Consequentemente, através do mapa semântico elaborado pelo programa MAXQDA, observa-se que estes profissionais consideram as artes enquanto um meio de intervenção, podendo ser designado por instrumento ou por ferramenta, sendo que para percepção e compreensão das artes, estes apoiam-se por dois grandes polos, nomeadamente pelas “teorias psicológicas” e “teorias sociais”.



**Figura 3** – Percepção da intervenção pelas artes (construção feita a partir da análise das entrevistas no programa MAXQDA)

Determina-se para esta análise que apenas a entrevistada formada na área de educação prioriza as teorias psicológicas, enquanto os entrevistados com formação na área social possuem uma perspectiva agregadora com teorias sociais relevantes para o Serviço Social. Com efeito, para além de se apoiarem das teorias sociais, mostram ter uma visão muito positiva e consolidada do que significa intervenção pelas artes, de forma a lidar com uma sociedade cada vez mais plural e de como ser uma mais-valia para a profissão e para os sujeitos de intervenção e a comunidade. Estes profissionais, ao trabalharem com e para a comunidade, e por estarem tão próximos das pessoas e da realidade, vêm os benefícios que as artes trazem aos utentes e como conciliar estas práticas artísticas com o Serviço Social pode potenciar o trabalho do profissional. Por isso consideram como mais relevante e tendo mais peso, para a área a “*capacitação e empowerment individual e comunitário*”, a “*comunicação*” e a “*justiça social*”.

Importa ainda ressaltar que a visão apresentada por estes profissionais evidencia a arte enquanto principal protagonista da intervenção e esta é olhada enquanto “uma ferramenta (...) para atingir fins sociais” (P3) e não pela lente estética, apesar de todos os projetos terem um fundo artístico. “Ou seja, isto não significa que as pessoas se tornem artistas, mas significa que as pessoas contribuem para o desenvolvimento dos trabalhos artísticos concebidos pelos próprios” (P3).

Por “*capacitação e empowerment individual e comunitário*”, aquilo que apresenta mais peso, ou seja, aquilo que é mais vezes referenciado respeita a “*consciência crítica sobre os problemas individuais e comunitários*” (P1, P2, P4 e P6), ao “*desenvolvimento individual e comunitário*” (P1, P2, P3, P4, P6 e P7), nomeadamente ao “*desenvolvimento de competências sociais*” (P1, P2, P3, P4, P6 e P7), “*pessoais*” (P1, P2 e P5) e “*culturais*” (P3 e P5) assim como às “*habilidades cognitivas*” (P1, P4 e P7). Neste último, os profissionais sentem que os sujeitos de intervenção conseguiram aumentar a “*compreensão*” (P1) para determinados assuntos, o que em consequência impulsiona o “*raciocínio*” (P1) assim como a “*aprendizagem*” (P4 e P7).

Por consciência crítica sobre os problemas individuais e comunitários - o momento pelo qual as pessoas tornam-se mais conscientes e críticas pelas questões das suas realidades -, os profissionais enfatizam os mecanismos de reconstrução dos indivíduos dentro da comunidade. Ou seja, o trabalhar numa ótica de dentro para fora, em que os indivíduos tomam consciência crítica sobre os problemas individuais e depois para os problemas comunitários:

“eu considero que as artes são ferramentas privilegiadas de intervenção social porque envolvem os indivíduos nos processos artísticos e permitem que (pausa) que se gere uma consciência individual interior e isso gere uma consciência coletiva externamente” (P1).

Isto resulta na tomada de consciência sobre os direitos e deveres individuais (P1), mas acima de tudo na consciência individual que gera, por sua vez, uma consciência coletiva (P1, P2 e P3) e que vai permitir a procura ativa para solucionar os problemas (P1, P2 e P3).

Contudo, isto só pode ser possível pela comunicação que é feita entre o profissional e o sujeito de intervenção e posterior comunidade e entre os próprios participantes, algo reforçado por Heinonen et al (2018:12) “*expressive arts, when used in social work, can promote communication either directly or indirectly and resolve problems or issues*”.

Para além disso, estes processos artísticos vão permitir o desenvolvimento individual e das próprias comunidades, uma vez que se prioriza o desenvolvimento de “*competências pessoais*”, que vai promover a “*autovalorização*” (P2, P3 e P4) e a “*confiança*” (P2 e P4); as “*competências sociais*” que permitem o “*aumento da participação cívica e associativa*” (P1, P2, P3, P4 e P6) o que, em consequência, estimula o “*trabalho em grupo e em comunidades*” (P1 e P7) e as “*competências culturais*”, o que se reflete na “*igualdade de acesso à cultura*” (P1 e P7).

No que respeita ao “*estímulo às habilidades cognitivas*”, estes entrevistados referem que os sujeitos de intervenção saem muito mais capacitados destas intervenções e destas vivências, que lhes permitem compreender situações de que antes não se questionavam. Esta “*compreensão*” leva ao “*raciocínio*” das realidades dos seus contextos, assim como a “*aprendizagem*”

“um dos participantes do [nome do Bairro] participava num dos momentos de reflexão e dizia que ‘eu nunca tinha pensado no que era isso, do acesso intelectual, nem tinha a noção do que era concretamente, pronto. Mas agora depois destas conversas que fomos tendo, eu agora reflito porque a minha mãe tem uma escolaridade baixa e quando recebe uma carta da Segurança Social ela não consegue interpretar o que está ali’” (P1).

Chega-se a conclusão de que estes mecanismos vão capacitar os indivíduos, mas acima de tudo, a comunidade. Desta maneira, ao serem capacitados, isto vai estimular a justiça social o que gera uma mudança e transformação individual que se reflete dentro da comunidade. Há então um olhar direcionado para o que as artes podem proporcionar a nível individual (P1), mas mais importante é a visão das artes no sentido mais coletivo (P1). Neste sentido, estes profissionais mostram visões similares sobre a intervenção das artes e o que podem agregar para os sujeitos de intervenção e comunidade.

Não obstante, quando questionados sobre a relação com o Serviço Social é interessante perceber o paralelismo, e a conclusão, feita sobre as duas disciplinas. Ou seja, o Serviço Social tem como premissa defender os direitos humanos (P6 e P7), fazer *advocacy* (P7), empoderar e capacitar as comunidades (P1, P3, P4, P5, P6 e P7) sendo uma disciplina em que “consequimos colocar o nosso trabalho em qualquer contexto [porque] (...) ‘tamos em todo o lado (risos) desde que tenhamos em contacto com as pessoas e que seja para criar um bem-estar (...) (P4)’. Quando questionados sobre as artes, depreendem que são disciplinas que, apesar de terem as suas características e especificidades, estas duas juntas tornam-se complementares pois “tanto a arte como o Serviço Social partilham a mesma missão” (P4), algo corroborado por outros entrevistados (P1 e P6). Isto significa que, partem da mesma realidade, de ampliar a visão e missão do mundo, das pessoas e de transformar conjuntamente. E esta noção de relação, parte da ideia do que é possível ser feito, ou seja, de favorecer a emancipação, a cidadania, a autonomia e a reflexão das pessoas e comunidades (P1 e P4).

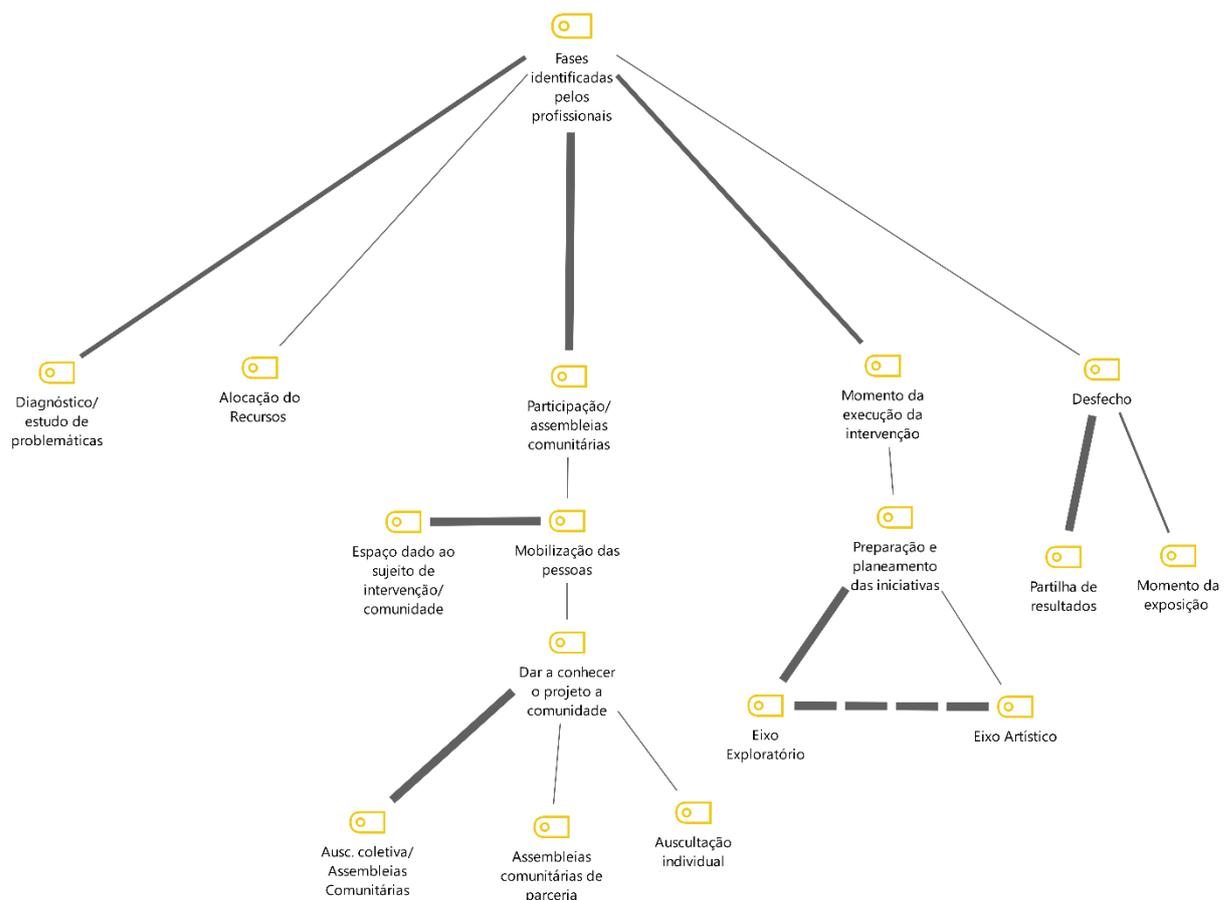
### **4.3 A intervenção das práticas artísticas nas comunidades**

Nesta dimensão é importante depreender como os assistentes sociais integram este trabalho de utilizar práticas artísticas aos objetivos do Serviço Social, ou seja, como é realizada esta intervenção para com as comunidades.

Efetivamente, o assistente social tem um papel muito importante em todo este processo. Estes profissionais que atuam em bairros e comunidades, a pensar numa perspetiva coletiva, conseguem olhar para as suas comunidades e compreender através da escuta ativa (P4, P6 e P7) aquilo que acontece no

quotidiano das pessoas. O objetivo passa por fortalecer aquilo que são as capacidades pessoais dos indivíduos, para depois evidenciar o que há na comunidade (P2 e P6). Tal como foi referenciado, fala-se numa ótica de trabalho de dentro para fora em que, existindo a possibilidade de se trabalhar com comunidades oprimidas, desfavorecidas e marginalizadas pela sociedade, o papel do assistente social passa por colaborar com os sujeitos de intervenção de forma que consigam alcançar resultados favoráveis às suas vidas (Bos & Huss, 2018).

Os profissionais inquiridos, nas entrevistas, procuraram sempre apoiar as necessidades dos sujeitos de intervenção e da comunidade e procuraram valer-se das artes de forma a responder aos objetivos do Serviço Social e aos objetivos dos seus projetos. Para a profissão é fundamental a capacitação e autonomia das pessoas, assim como o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as causas estruturais que levam aos movimentos de opressão e privilégios, pois são perpetuadores de discriminação, desigualdades, opressão e exploração. Promove, por consequência, a mudança social, o desenvolvimento social, a coesão social, o *empowerment* e a liberdade, reforça a capacitação e a emancipação das pessoas (EAS, 2014) e é isso que estes entrevistados referiram.



**Figura 4** – As fases identificadas pelos profissionais da intervenção a utilizar as artes (construção feita a partir da análise das entrevistas no programa MAXQDA)

Apesar de existirem momentos com mais peso do que outros, para esta investigação todos os passos referenciados vão ser levados em consideração. A definição das fases é produto da sistematização da investigadora e segue as noções contidas nas entrevistas, assim como no trabalho de Domingues (2016).

Deste modo, o primeiro passo citado foi o “*diagnóstico*” (P2, P3, P4, P5 e P6), ou seja, o estudo feito sobre as problemáticas e necessidades da comunidade no qual se compreende a sua importância pois recolhe-se dados e informações para fundamentar a necessidade destes projetos para a comunidade.

É após a esta fundamentação que os profissionais têm oportunidade de fazer a “*alocação de recursos*” (P1, P2 e P7), ou seja, a candidatura aos programas financiadores, sendo o programa PARTIS, o principal elemento financiador. Apesar deste momento não apresentar grande peso na análise, é importante ressaltá-lo, pois através das conversas com os profissionais torna-se claro que intervenções que se apoia, em práticas artísticas têm como elemento referenciador o financiamento. Assim, é natural depreender que os profissionais precisam criar uma candidatura.

De seguida, destaca-se a questão da “*participação*” por todos os entrevistados, ou como alguns designaram, por “*assembleias comunitárias*” (P1 e P3). É neste momento que se mobiliza as pessoas, dando a conhecer o projeto à comunidade e do qual se divide essencialmente em três momentos: 1) Pela auscultação coletiva em que as pessoas da comunidade são convidadas a participar e serem voz ativa de forma a responder às necessidades do território; 2) pelas assembleias comunitárias de parceria do qual se dá a conhecer o projeto aos parceiros locais (P2, P3 e P7); e 3) pelas assembleias individuais dando-se um enfoque maior no sujeito de intervenção (P2 e P6).

A importância deste momento é demonstrada pelo estado da arte e pelo quadro teórico/analítico (Huss & Sela-Amit, 2019). Estes profissionais deixam em evidência esta questão da envolvimento dos sujeitos nos projetos, uma vez que são projetos pensados para as pessoas, em que o objetivo passa efetivamente por priorizar aquilo que estes participantes querem para as suas comunidades. Quando questionados sobre o espaço que era dado para que as pessoas se comunicassem, estes profissionais defenderam a questão da seguinte maneira:

“o primeiro objetivo do projeto era a participação. Era mobilizar as pessoas, e para isso acontecer, nós organizávamos sempre assembleias comunitárias, ou seja, as pessoas eram chamadas a participar. Todo o projeto foi feito com envolvimento ah...feito com as pessoas. Foi feito para [ênfase na palavra para] as pessoas (pausa) porque se é feito com as pessoas é sempre para.” (P3).

Contudo, esta participação não acontece apenas nas assembleias comunitárias, mas sim ao longo das intervenções, “no percorrer da atividade há espaço de aceitação de ideias construtivas sempre de encontro ao objetivo principal da atividade” (P5).

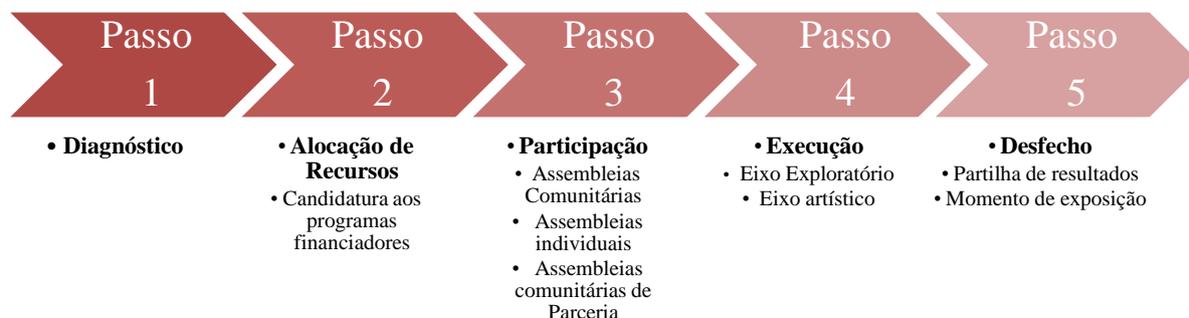
A “*execução da intervenção*” referenciada, à sua maneira, por todos os entrevistados, simboliza o momento da “*preparação e planeamento das iniciativas*” (P1, P3 e P4) do qual se divide em “*eixo exploratório*” (P1) e “*eixo artístico*” (P1). Constata-se que estes eixos têm um peso muito relevante na intervenção, apesar de o “*eixo exploratório*” apresentar uma maior evidência. Isto pode ser explicado pelo facto de as artes não serem trabalhadas diretamente por estes profissionais, mas sim por uma equipa multidisciplinar formada na área. Contudo é evidente que isto é trabalhado de igual modo, uma vez que estamos a falar em intervenções sociais apoiadas em práticas artísticas.

Tal como se observa pelo esquema acima, estes dois núcleos são trabalhados em simultâneo, não existindo separação:

“(…) basicamente, nós não tivemos aqui uma separação estanque das intervenções até porque o projeto prevê isso mesmo, que não haja uma sobreposição da intervenção social sobre a intervenção artística que elas caminhem ah... lado a lado de mãos dadas e por isso claramente não houve aqui uma intervenção tipo ah...ouve aqui uma prevalência da intervenção com recursos às práticas artísticas porque o próprio projeto estava concentrado desta forma (P1).

Apesar de não ser o assistente social a trabalhar diretamente o “*eixo artístico*”, tanto um como o outro foi trabalhado a pensar em alcançar os objetivos sociais. Por outras palavras os profissionais unem-se em prol da comunidade e trabalham conjuntamente de forma a contribuir positivamente no seu território.

Por fim, existe um momento particular que, mais uma vez, apesar de não ter sido referenciado muito, é imprescindível para os projetos. Falamos do “*desfecho*” (P1, P2, P3, P4, P6 e P7). O “*desfecho*” simboliza sobretudo a divulgação, a “*partilha de resultados*” (P1, P2, P3, P4 e P6) daquilo que aconteceu no projeto, ou seja, o produto final que muitas vezes se configura enquanto o “*momento de exposição*” (P1, P2, P3, P4 e P7) quer seja através de documentário, de jornal, de exposição, de livro, ou por outros meios.

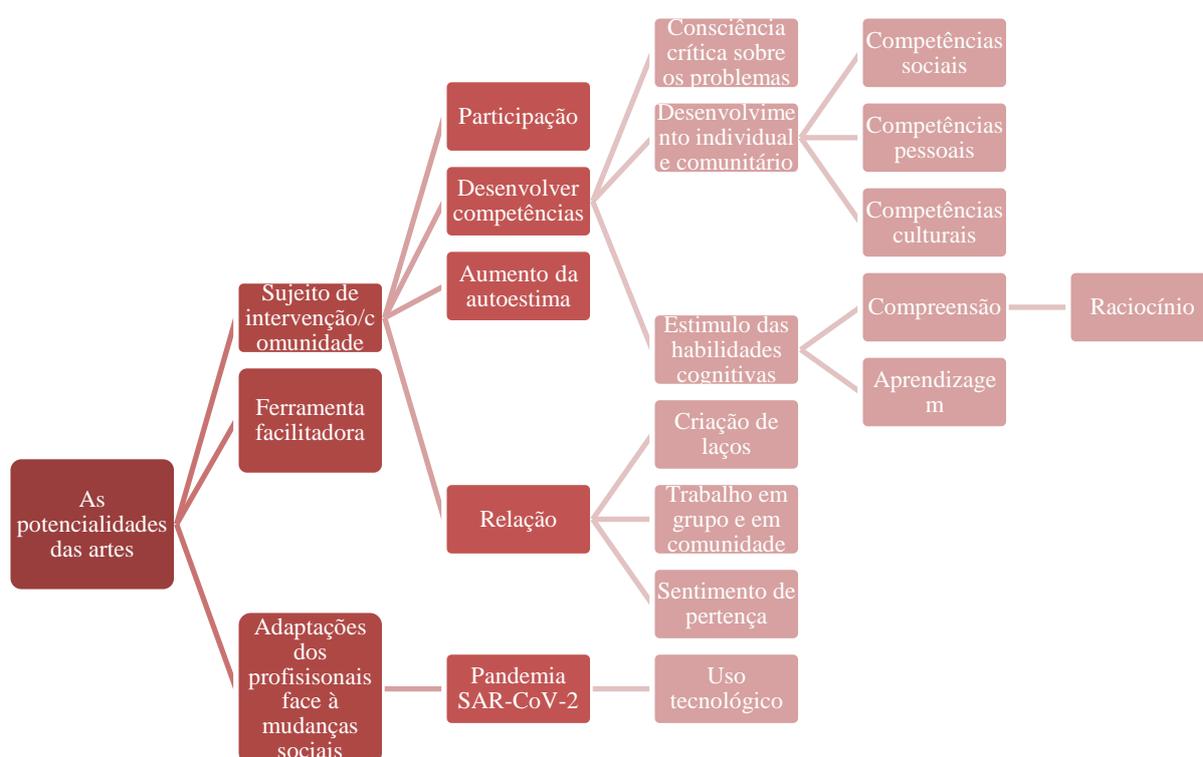


**Figura 5** – Proposta metodológica sobre as artes na intervenção social comunitária (Elaboração própria na base de Domingues, 2016)

#### 4.4 As potencialidades e fragilidades das artes na comunidade

Após se determinar pelos entrevistados como é realizada a intervenção, estes foram questionados sobre as potencialidades e fragilidades das artes na comunidade. Porém, enquanto estratégia privilegiou-se para a análise as relações mais fortes enquanto a sua frequência.

É de facto observável as potencialidades para as artes no Serviço Social. Segundo a lógica de organização do estado da arte, os entrevistados identificaram 3 dimensões para o Serviço Social, nomeadamente o “*sujeito de intervenção/comunidade*” sendo esta a dimensão com mais peso para todos os participantes, as “*adaptações dos profissionais face às mudanças sociais*” e o facto de ser uma “*ferramenta facilitadora*”.



**Figura 6** – As potencialidades de utilizar artes na intervenção social comunitária (construção feita a partir da análise das entrevistas no programa MAXQDA)

Ao longo desta análise, a dimensão com mais peso é de facto o “*sujeito de intervenção e a comunidade*”, sendo as noções de “*participação*” mais importante para os entrevistados. Trabalhar com a comunidade apoiando-se em práticas artísticas, implica que haja uma participação e que a opinião da pessoa seja tida em conta – este é o principal enfoque para estas intervenções (P6). Com efeito, trabalhar com as comunidades implica que o contexto destas pessoas seja tido em consideração, de forma que a intervenção esteja centrada na resolução dos problemas das pessoas e comunidades que são trabalhadas: “é priorizar aquilo o que as crianças querem, e não o que o projeto, necessariamente as pessoas que estão envolvidas no projeto, querem. Eu acho que é mesmo isso...” (P2).

Ademais, estes profissionais consideram que estes sujeitos de intervenção conseguem “*desenvolver competências*” nestas intervenções, o que permitiu, tal como já foi referido no subcapítulo 4.2 criar uma “*consciência crítica sobre os problemas individuais e comunitários*” (P1, P2, P4 e P6), um “*desenvolvimento individual e comunitário*” (P1, P2, P3, P4, P6 e P7), nomeadamente ao desenvolvimento de “*competências sociais*” (P1, P2, P3, P4, P6 e P7), “*personais*” (P1, P2 e P5) e “*culturais*” (P3 e P5) e “*estimular as habilidades cognitivas*” (P1, P4 e P7), a “*compreensão*” (P1) que leva ao “*raciocínio*” (P1) e a “*aprendizagem*” (P4 e P7).

Para além do que foi abordado, o facto de terem participado nestes projetos contribuiu para o “*aumento da autoestima*” (P2, P3), tanto individual como comunitária, o que faz estas pessoas tornarem-se muito mais resilientes e aptas a enfrentar as adversidades da vida, assim como a questão da “*relação*” (P1, P2 e P7) que potencializa a “*criação de laços*” (P1, P2, P7, Robertis, 2003), deveras importante. e que vai estimular o “*trabalho em grupo e em comunidade*” (P1 e P7), algo igualmente exposto no subcapítulo 4.2.

“saber quais é que eram as necessidades que alguém precisava, tínhamos um grupo no WhatsApp que funcionou muito por isto: ‘alguém precisa de alguma coisa? Alguém está doente?’ Acabou por chegar informalmente uma rede de suporte ao grupo muito interessante” (P1).

Isto, em consequência para a comunidade leva à criação de um “*sentimento de pertença*” (P3, P6 e P7) traduzindo-se na inclusão social: “Esta proximidade com as pessoas levou a um progressivo aumento do sentimento de pertença e sentido cívico.” (P6), o que contribui positivamente para o território (P1, P2, P3 e P7).

Relativamente às “*adaptações dos profissionais face às mudanças sociais*” (P1 e P7) é interessante determinar que devido a “*Pandemia SARS-CoV-2*”, os profissionais tiveram de adaptar e reorganizar o projeto (P7). Em consequência, isto leva a uma potencialidade para a intervenção, nomeadamente com o “*uso tecnológico*” (P1 e P7)

“felizmente a descoberta do Zoom e destas tecnologias trouxe a possibilidade de manter esta relação e de ir alimentando e de a usar como força de suporte, como rede de suporte destas participantes que trabalhamos” (P1)

Quando questionados sobre as fragilidades, estes afirmam existir, mas não identificam as artes como elemento responsável. Estas fragilidades respeitam sim ao próprio “*sujeito de intervenção*” (P2, P3, P4 e P5) e questões inerentes aos “*projetos*” (P2, P3, P4 e P7).

Estes profissionais afirmam que, por vezes, as pessoas são “*difíceis de se chegar*” (P4) sendo o compromisso de algumas pessoas pouco para a continuação do projeto (P5). A entrevistada P5 refere a “*falta de compromisso*”:

“nós marcamos dia e hora e eles dizem ‘nós vamos’, mas depois quase que os temos que chamar a casa. Porque esquecem ou têm outras prioridades... e depois não permanecem na atividade toda. Estão 5, 10 minutos e vão embora, mas depois regressam. Não têm aquele sentimento de compromisso. Essa é a maior dificuldade, de resto eles gostam, mas depois... como isto [ênfase nas palavras como isto] não é um projeto obrigatório eles vêm quando querem, vão quando querem”.

Apesar de esta questão não ser muito presente nos outros entrevistados é importante expor. Em certa medida, isto acaba por ser favorável às artes, uma vez colocando em evidência o facto destas não serem vistas enquanto ferramenta de opressão, mas enquanto uma “*ferramenta facilitadora*” (P4 e P7) e que dá liberdade à participação das pessoas.

Para além da situação referida, P2 alega que “(...) os miúdos não vêm todos iguais, como nós não estamos todos iguais todos os dias, não é?” (P2), o que, por vezes, pode afetar a rentabilidade das atividades, “o foco é diferente, a concentração... pronto, são miúdos de outros contextos este, o que é suposto, na concentração naquela altura, naquela atividade, ah... e aquela coisa de ‘tar fechado numa sala, tu dispersas quando o vizinho vai comprar o pão, com a mãe que passou e disse adeus, com o irmão...”.

A isto P3 adiciona os “*conflitos*” sentidos com os participantes sobre o projeto, no entanto refere “a dimensão do conflito, a dimensão a discussão, a dimensão da crítica, ah... e ainda bem que isso acontece”.

A questão do “*projeto*” mais uma vez não diz respeito às artes, mas pelas às “*questões burocráticas*” (P2, P3, P4 e P7). Estes profissionais sentem que ainda há muitos obstáculos no que respeita ao poder político, ou seja esta “*visão/perspetiva top down*” (P4 e P7) “para os meus superiores hierárquicos políticos este projeto não era válido, então eu tive 3 anos (...) eh pá, desculpa o termo, mas escarrapachar nas trombas que isto era impactante no território e naquelas pessoas” (P7).

Esta questão representa uma fragilidade no que respeita ao usar as artes na intervenção, não porque as artes não demonstrem impacto e resultados para a comunidade e os seus sujeitos de intervenção, mas porque projetos artísticos mostram-se muito dependentes das respostas dos superiores hierárquicos e do “*financiamento*” exposta por P4 “as únicas dificuldades que temos é estes projetos serem realmente financiados e terem um tempo limite que depois terminam e não temos nenhuma continuidade”.

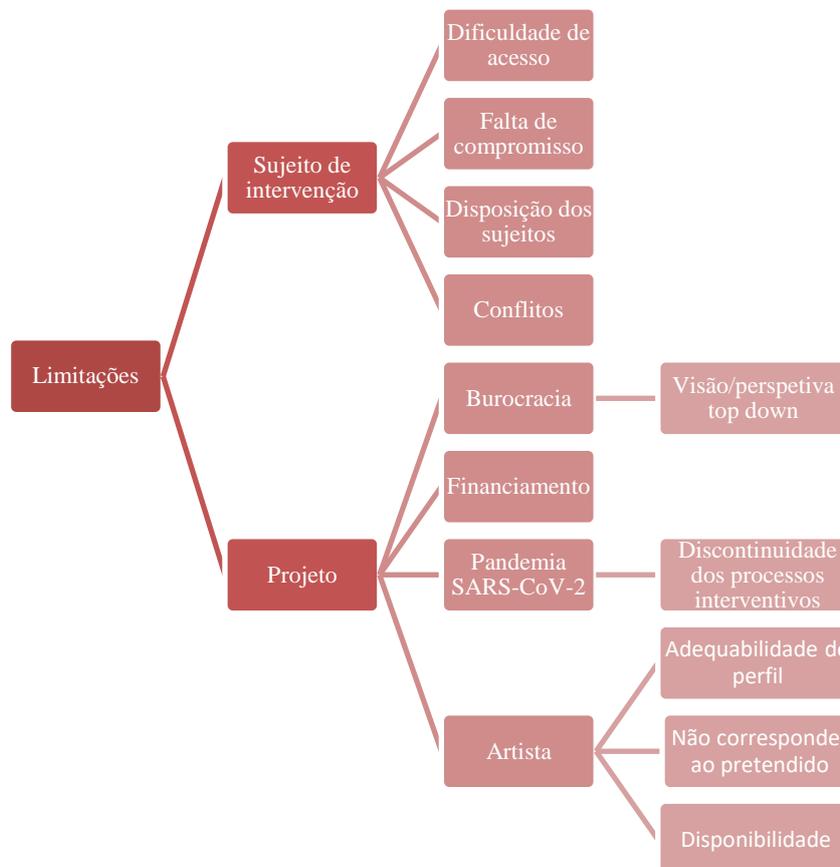
Outra questão curiosa remete mais uma vez para a pandemia SARS-CoV-2 pois, enquanto para P1 e P7 foi uma potencialidade, para P2 e P4 trouxe entraves, sendo um deles a interrupção das atividades propostas, ou seja, o facto de existir “*descontinuidade dos processos interventivos*”. Com estas interrupções os projetos ficaram limitados pela questão do tempo e, sendo financiados, detinham uma duração limite:

“estamos aqui num impasse muito grande porque há tantas coisas p’ra fazer e agora que começamos e as pessoas estão estimuladas era a altura ideal para continuar e se calhar vamos ter que terminar, o que não é nada justo, nada justo” (P4).

A dimensão do “*artista*” foi uma limitação para as entrevistadas P2 e P7. P7 refere a questão da “*adequabilidade do perfil*”

“nem todas as pessoas têm perfil para trabalhar com a comunidade. (...) e de repente se tens um artista que é o supprassumo da barbatana e acha que, tem que transformar aquela pessoa numa excelente atriz ou num excelente ator...ui, calma lá”. Atribui-se muito a isto, a questão de o artista “*não corresponder ao pretendido*” (P7) “Nós tivemos um formador que não foi escolhido nem por mim nem pela [nome colega] foi um moço do cinema que era um apaixonado [ênfase na palavra apaixonado] por cinema e era maravilhoso [ênfase na palavra maravilhoso] ouvi-lo falar sobre o cinema, mas ele não conseguiu chegar às pessoas, pronto. Isso também foi um bocadinho mais...mais chato, mas as pessoas ‘tavam lá. Acharam aquilo uma grande seca, mas ‘tavam lá” (P7)

Assim como pela “*disponibilidade*” (P2), do qual deixavam de aparecer (P2): “Desapareceu um bocadinho do mapa [um dos artistas] e então depois lá encontramos uma solução mais coerente p’ro final do projeto”.



**Figura 7-** As fragilidades sentidas na intervenção social comunitária (construção feita a partir da análise das entrevistas no programa MAXQDA)

Em jeito de conclusão, é destas diferentes experiências pessoais, e de contextos sociais, que os entrevistados evidenciam as potencialidades para as artes nas comunidades, e as fragilidades que marcaram presença nos projetos. Esta visão, apesar de não ser macro, indica e reforça o que foi exposto no estado da arte e ao longo da análise. Há inúmeras potencialidades para o sujeito de intervenção e comunidade, o assistente social e no próprio projeto.

Quando confrontados com as fragilidades dos projetos revelam que as artes não são as verdadeiras causas, mas sim os próprios sujeitos de intervenção e por situações inerentes ao projeto, como questões burocráticas, o financiamento, a pandemia *SARS-CoV-2* e os artistas.

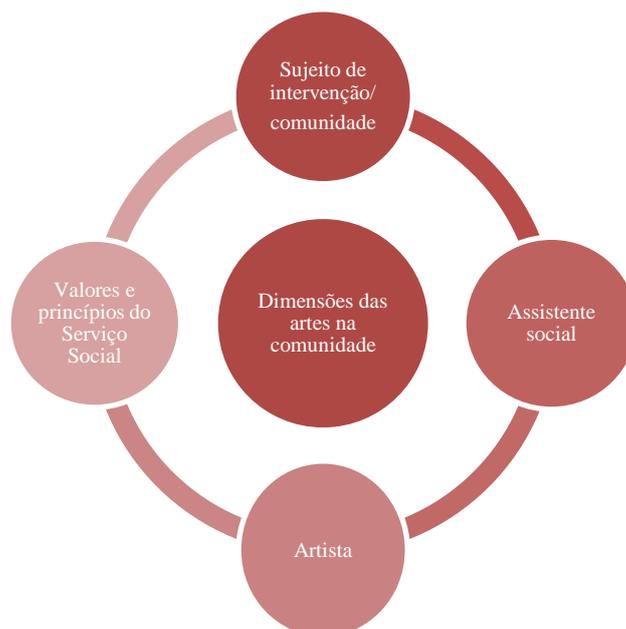
A verdade é que esta visão evidencia e reforça a arte dentro do Serviço Social, sendo por isso mais um elemento incentivador para os assistentes sociais.

#### **4.5 Sistematização das dimensões das artes na prática do Serviço Social nas comunidades**

De forma a dar resposta ao último objetivo, importa sistematizar as dimensões das artes na prática do Serviço Social nas comunidades. Para esta investigação teve-se enquanto referência Riggs & Pulla (2014) no qual evidenciam os valores e princípios a ter-se em conta para uma intervenção eficaz, assim como no paradigma suportado por Huss & Sela-Amit (2019).

No entanto, ao longo desta análise é perceptível que outros pontos devem ser evidenciados, uma vez que mostram a sua importância na análise. Deste modo, dentro do que foi trabalhado por Riggs & Pulla (2014), e tendo em conta o paradigma pode considerar-se o “*sujeito de intervenção/comunidade*”, o “*assistente social*”, o “*artista*” e o “*valores e princípios do Serviço Social*”.

Isto significa que, podemos agrupar “*dignidade humana e o seu valor*”, “*justiça social*” e “*serviço à humanidade*” dentro da esfera do *sujeito de intervenção/comunidade*, mas algo trabalhado pelos profissionais; por “*competências profissionais*” e “*integridade*” no eixo do “*assistente social*” e “*artista*” ao passo que estas dimensões podem ser todas incluídas na esfera dos “*valores e princípios do Serviço Social*”.



**Figura 8** – Dimensões das artes na comunidade (construção feita a partir da análise e sistematização das entrevistas e da revisão de literatura)

Sobre o “*sujeito de intervenção*”, sendo o eixo mais importante nesta sistematização, fala-se sobre a “*caracterização e especificidades das pessoas e comunidade*”; os “*critérios de participação*” e a própria “*participação*” do qual vai estar associado ao paradigma da pessoa em contexto (Huss & Selamit, 2019). Assim, é possível verificar uma grande diversidade e heterogeneidade no que respeita ao público-alvo abrangido pelas diversas comunidades. Estas intervenções focam-se em “*crianças e jovens*” (P1, P2, P5 e P6), com mais incidência nos jovens dos “*15 aos 20 anos de idade*” (P1 e P5 e P7), por “*adultos*” e “*idosos*” a partir dos 65 anos de idade (P3, P4 e P7) em intervenções mistas em contexto de espaço urbano (todos à exceção de P3 e P4). Ademais, há fatores de exclusão social que vêm caracterizar estas comunidades.

Há uma predominância no baixo nível socioeconómico (P1, P2, P5, P6 e P7), apesar destas intervenções focarem-se igualmente num público-alvo com nível médio e alto (P1) e pelas baixas competências socio emocionais (P2, P6 e P7). Podemos observar que a perceção relativa às comunidades se adequa àquilo que foi recolhido na teoria, uma vez que se dá primazia ao trabalho com comunidades vulneráveis, contudo, este não é um fator determinante para participar neste tipo de projetos.

De facto, os entrevistados apontam uma panóplia de requisitos dos quais se destacam quatro, uma vez que foram os mais mencionados, nomeadamente: a) “*residir na zona de intervenção*”, uma vez que os projetos são pensados para serem trabalhados para e com as pessoas da comunidade; b) “*ser referenciado por outras entidades*”, pois é do interesse destes projetos trabalharem com pessoas em risco de exclusão social, e dentro das linhas do financiamento, a premissa passa por promover a inclusão social de pessoas mais desfavorecidas; c) por “*idade*”, destaca-se um grande eixo, nomeadamente “*intergeracional*”, em que o objetivo passa efetivamente por fazer uma “*construção de espaços de*

socialização e de partilha entre diferentes gerações” (P7) e o que representa mais peso na análise a comparar com “*crianças e jovens*” e “*idosos*”; por último, d) o próprio “*interesse das pessoas*”, pois são projetos que, apesar de serem pensados para pessoas em situação de vulnerabilidade são, “para todos (sorriso), isso sem dúvida” (P4) e requerem a cooperação dos mesmos.

Isto significa que qualquer pessoa pode participar nestes projetos, para além de que o sujeito precisa estar implicado nesta metodologia, bem como nos processos de criação coletivos. Esta foi uma questão muito debatida por alguns entrevistados, como P3, pois apesar de existirem pré-requisitos, a arte não pode ser entendida como um elemento de exclusão, mas sim como inclusão. O entrevistado refere mesmo que ao trabalhar com as artes não devia existir critérios pois isso significa:

“criar distinções a quem tem acesso e tem essa possibilidade. (...) Ou seja, numa intervenção comunitária, toda a comunidade é importante, a criança com 3 anos até o idoso com 100 anos. Todas as pessoas são importantes”.

Esta ideia vai ao encontro ao que é defendido por Huss & Bos (2018), no sentido em que a arte não pode ser vista como uma ferramenta utilizada exclusivamente para um tipo de população e porque limita muito o agir profissional, de acordo com cada população que trabalha. Algo que é corroborado pelas entrevistadas P1, P4, P5 e P7 “(...) não, não, claramente que não existia um padrão-tipo de pessoa que pode beneficiar desta intervenção por esta via. Claramente que não” (P1), ou seja, apesar de existir determinados critérios de participação e terem de respeitar, os projetos eram abertos e “qualquer um podia participar” (P7).

Para além disso reforça-se mais uma vez a questão da “*participação*” – fulcral para estas intervenções. Em associação a isto surge os receios debatidos no estado da arte, para que a arte não seja vista enquanto ferramenta de opressão entre o assistente social e o sujeito de intervenção (Asakura et al, 2020; Huss & Sela-Amit, 2019; Konrad, 2019). Os investigadores alertam para estas questão e, de forma a responder e determinar se tal sucedia, estes profissionais (P3 e P4) refutam e declaram:

“é assim (pausa), parte das pessoas [ênfase na palavra pessoas]. Todos podem ter ou podem ter condições que as limite, condicione a sua participação, não é? Mas isso ‘tá na responsabilidade das pessoas, não da arte. Ou seja, nós não podemos guiar condições na dimensão artística para as pessoas ah...fiquem excluídas de participar. Uma coisa é a pessoa dizer ‘eu não quero participar porque ‘tou no Ramadão e não posso’ ah...ok, tudo bem, mas isso é da responsabilidade da pessoa, é uma decisão da pessoa. Não é uma decisão, não é uma decisão ah... originada da intervenção através da arte” (P3).

Este é um exemplo de que não é por estes profissionais valerem-se da arte de que o tratamento não vai ser feito de forma respeitosa, cuidadosa e imparcial. Aliás, há que garantir que as diferenças individuais culturais, étnicas e individuais sejam respeitadas sendo algo que P4 também o faz:

“(…) claro que temos que respeitar aqui estas diferenças e há aqui situações, há por exemplo pessoas que não gostam de participar, nós tivemos agora, por exemplo, aqui uma dinâmica sobre o dia da espiga (...) e tivemos uma pessoa que não quis participar, que a religião dela, que é [Testemunha de] Jeová, não fazia sentido e eles não participam e tudo bem. Nós respeitamos essa parte, como é óbvio. Mas deixamos à vontade para que as pessoas nos digam e que façam aqui que realmente querem”.

Competências políticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciencializar os sujeitos de intervenção e comunidade</li> <li>• Influenciar o sistema político e a opinião pública</li> </ul>
Competências relacionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação de proximidade</li> </ul>
Competências psicossociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver processos de capacitação para os sujeitos de intervenção e comunidade</li> <li>• <i>Empowerment</i></li> </ul>
Competências assistenciais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encaminhar para outras entidades</li> </ul>
Competências técnico-operativas e reflexivas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não se aplica</li> </ul>
Outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interprofissionalidade</li> <li>• Empatia</li> <li>• Mobilizar recursos</li> <li>• Dinamizar processos</li> </ul>

<sup>1</sup>**Tabela 7** – Competências profissionais do assistente social (construção feita a partir da análise das entrevistas no programa MAXQDA)

No que respeita ao “*assistente social*” teve-se enquanto pilar, as competências profissionais redigidas através dos textos-guia para os assistentes sociais (APSS, 2018; CASW, 2005; IFSW, 2014; NASW, 2008; OCSWSSW, 2008). Para estes profissionais “*competências políticas*” (P1, P2, P3 e P4), “*competências relacionais*” (P1, P3 e P7) e “*competências psicossociais*” (P1, P6 e P7) apresentam mais peso na intervenção, apesar de se terem pronunciado no que diz respeito às “*competências assistenciais*” (P4 e P7) e “*competências técnico-operativas e reflexivas*”.

De facto, ao abordar às “*competências políticas*”, estes profissionais consideram que conseguem trabalhar a “*consciencialização dos sujeitos de intervenção e da comunidade*”, uma vez que, auxilia a

<sup>1</sup> Competências técnico-operativas e reflexivas - Uma vez que não conseguem ter habilidades apropriadas fazem-se valer de uma equipa multidisciplinar

evidenciar as questões emergentes dos territórios intercedidos e das suas populações, assim como permite trazer novas formas de ver e pensar a comunidade.

Foi o caso de P1 ao expor uma situação de inacessibilidade para com pessoas com deficiência no seu território de atuação e conseguiu com que a entidade pensasse na situação e tomasse consciência global sobre um problema que afetava uma parte da sociedade, “conseguimos levar a esse museu uma consciência sobre a limitação e ao acesso que uma instalação pública não devia ter”.

Estes profissionais sentem que através das artes conseguem ainda “*influenciar o sistema político e a opinião pública*” de forma a mudar a comunidade local, os agentes sociais, políticos e parceiros (P3 e P6).

Outro ponto discutido pelos entrevistados remete para a relação de proximidade que sentem com os sujeitos de intervenção ao utilizar as artes pois, para eles o processo é feito de forma muito mais facilitadora:

“sim, o facto, das práticas artísticas trazem esta informalidade ah... ou desconstrói esta noção de que a intervenção tem que ser algo que segue algumas regras, não é?” (P1).

É importante referir que, apesar desta perceção da informalidade e descontração que as artes trazem, isso não sugere que estes profissionais o sintam na sua forma de atuação e no exercício da profissão (P4). Assim, o Serviço Social não perde a sua identidade por utilizar instrumentos, ferramentas e outras técnicas à profissão. De facto, só faz uso de diferentes meios para conseguir chegar aos objetivos de uma forma mais descomplicada, mas todo o processo de diagnóstico, planeamento, avaliação e metas estão presentes. Isto pode referir à noção da interprofissionalidade

“E sei lá, e no meio disto tudo, acabamos por não perder, enquanto Serviço Social não perdemos a nossa identidade, não é? Não é por estarmos a usar estes meios e outras técnicas que estamos a passar a perna a alguém (sorriso), de forma nenhuma, mas acabamos por conseguir chegar lá de uma forma mais fácil” (P4).

Isto, de facto, vai propiciar uma relação muito positiva entre o profissional e o sujeito de intervenção “esta relação, é assim, logicamente eles sabiam que era assistente social e qual o meu papel ali no meio, mas, de repente tu poderes ah...ter uma relação com estas pessoas e uma relação e confiança” (P7).

Em paralelo às competências sustentadas pelo quadro teórico/analítico, os profissionais referem que estas relações para além de serem propiciadas pelas artes também são fortalecidas pela “*empatia*” (P3, P4 e P6) criada entre o profissional e o sujeito de intervenção e posterior comunidade.

Ao abordar a última dimensão com mais peso, as competências psicossociais, aquilo que apresenta maior relevância para os profissionais destina-se precisamente para o “*desenvolvimento de processos de capacitação para os sujeitos de intervenção e comunidade*” (P4) e de *empowerment* (P3)

“(...) empoderamos as pessoas, mas não empoderamos de cima para baixo, as pessoas empoderaram-se a si próprias, com o seu envolvimento e com as suas competências criaram competências e capacidades e essa é a melhor forma de empoderar é... acreditarem que são importantes e são relevantes e são úteis” (P3).

Esta questão da capacitação não é só sentida em prol do sujeito de intervenção. A entrevistada P7 refere

“É assim, não só nelas, como também em nós [ênfase na palavra nós] é que, efetivamente e graças a isto, sinto muito mais rica como até como assistente social do que (pausa) do que antes. Porque há uma coisa que eu noto, mesmo até um auto crescimento, numa autoanálise que faço estes projetos é que eu, até me tornei eu mais capacitada ah...para lutar por eles.”

Relativamente as competências assistenciais, os profissionais mencionam conseguir auxiliar os sujeitos em situações de carência económica através do “*encaminhamento para outras entidades*” (P4 e P7)

“Eu estava ali a fazer vinham ter comigo e diziam assim ‘olha eu precisava de falar contigo, uma coisa que’ [e eu] ‘tudo bem, vamos falar’ e a gente falava. Então eu fazia um atendimento, não é? E elas diziam ‘olha eu preciso, estou com dificuldade económica e não sei o quê fazer’” (P7).

Finalmente, em relação às “*competências técnico-operativas e reflexivas*” é interessante observar algumas inconsistências nas respostas, e de como isto vai influenciar a dimensão do “*artista*”. A maioria dos profissionais sente não ter competências para trabalhar diretamente com as práticas artísticas pois não têm de facto essa responsabilidade no projeto e na intervenção (P1 e P3), não têm formação para tal (P1, P2, P7) ou pelo excesso de trabalho: “Eu não conseguia até porque temos dois projetos aqui a decorrer em simultâneo” (P5).

P3 quando questionado referiu que, se de facto o assistente social tiver competências artísticas deve valer-se dessa particularidade e assumir o “duplo papel” (P3), no entanto, esse não deve ser o seu foco, pois o papel do profissional passa mais por “*mobilizar recursos*” (P3) e “*dinamizar o processo*” (P3), ou seja, vai mediar as situações e ser um “agitador da ação” (P3), este agitar com os artistas e as suas competências, no favorecimento da intervenção e trabalho com a comunidade e as suas pessoas (P3).

Apesar desta ideia, e da maioria dos profissionais inquiridos partilharem da mesma, P4 refere trabalhar diretamente as artes: “tinha que me reinventar, tinha que me redescobrir novas metodologias para poder aplicar e para poder chegar às pessoas”, ainda que, atualmente o seu trabalho seja feito em conjunto com outras colegas de diversas profissões.

Deste modo é evidente que, para a grande maioria dos profissionais entrevistados parte-se da premissa que, para estes projetos é necessário o apoio de uma “*equipa multidisciplinar*” com formação na área artística:

“eu acredito que, na vida somos capazes de fazer um bocadinho de tudo, ok? Mas é sempre importante vir alguém de fora, porque lá está, os ensinamentos são outros, as técnicas são outras, vão mostrar outras ferramentas” (P2). Logo, a dimensão do “*artista*” deve ser considerada.

Para a última dimensão, “*valores e princípios do Serviço Social*”, os investigadores Riggs & Pulla (2014) consideram importante o “*serviço à humanidade*”, a “*dignidade humana e o seu valor*” e a “*justiça social*”.



**Figura 9** – Elaboração própria

Como podemos observar pelo esquema acima, esta dimensão é particular, uma vez que é trabalhada pelo profissional – o assistente social no qual põe os seus serviços em prol do sujeito de intervenção e consequentemente da comunidade.

Este colocar o “*serviço à humanidade*” implica, através das competências profissionais, trabalhar a questão da “*dignidade humana e o seu valor*”, sendo os processos de capacitação dos mais referenciados e desenvolvidos para as intervenções e a questão da “*justiça social*” que vai potencializar a mudança e transformação individual e comunitária, no qual os profissionais consciencializam os sujeitos de intervenção e influenciam o sistema político e a opinião pública.

Observamos então que nesta sistematização todas as dimensões são trabalhadas em simultâneo, podendo ser considerado um processo cíclico. Apesar do ponto central ser o sujeito de intervenção, assim como a comunidade, o assistente social está representado uma vez que abordar o sujeito de intervenção significa abordar e falar sobre a prática profissional – momento pelo qual se traduz em apoiar-se dos valores e princípios do Serviço Social.

Importa ainda ressaltar, algo que já foi abordado, mas uma vez que falamos das artes, o assistente social precisa de recorrer ao apoio do artista – equipa multidisciplinar – apesar do mesmo ser capaz de o fazer (P4). No entanto o objetivo fulcral passa por favorecer a intervenção social.

“(…) eu julgo, que a ideia não é que o assistente social tenha... (pausa) tenha que ter esta [ênfase na palavra esta] dimensão artística, mas, mobilizar os recursos á sua volta e das suas competências ah... a favorecer intervenção social.” (P3)

## CONCLUSÕES

Ao chegar a esta fase da investigação é possível afirmar que há conclusões a serem retiradas após a análise cuidadosa das informações obtidas pelos entrevistados e discussão dos resultados. Contudo, tal como afirma Vilelas (2009) é necessário ter-se em conta que estas investigações estão sempre inacabadas, no sentido em que, apesar de obtermos respostas às perguntas, surgem novos questionamentos, sendo que estes devem ser respondidos noutras investigações. Apesar disso, é possível declarar que conseguiu-se dar resposta aos objetivos – geral e específicos dos quais foram inicialmente definidos.

Relativamente ao objetivo geral – *elaborar uma proposta metodológica de base artística para o Serviço Social Comunitário* –, este foi pensado de forma a dar resposta à orientação de Flynn & Sela-Amit (2019), ao facto dos assistentes sociais não se valerem de uma estrutura metodológica o que, em decorrência, provoca um distanciamento dos assistentes sociais a uma nova possibilidade de intervenção. Este distanciamento dos profissionais foi, de facto sentido no momento do contacto realizado aos mesmos para as entrevistas.

Esta etapa da investigação foi um período de muita incerteza pela investigadora ao facto de nestas intervenções estarem mais presentes sociólogos, psicólogos e mesmo profissionais da área artística em vez de assistentes sociais. Contudo, a realidade é que apesar desta orientação, há assistentes sociais a trabalhar com as artes e, por isso, ao combinar as respostas dos profissionais e do trabalho de Domingues (2016) foi possível responder e chegar-se à conclusão sobre uma proposta metodológica útil aos assistentes sociais, servindo como um primeiro modelo-guia para transitar pelos momentos da proposta metodológica de forma lógica e orgânica. De referir que este modelo deverá ainda ser explorado, analisado e testado empiricamente para constituir uma proposta definitiva para a prática.

Sobre o objetivo específico – *compreender como os assistentes sociais percebem o uso das artes no Serviço Social* – esta percepção dos assistentes sociais é observada, maioritariamente, enquanto um instrumento/ferramenta útil para a intervenção social, dando-se prioridade às teorias sociais, em especial para a capacitação e *empowerment* individual e comunitário, a comunicação e a justiça social. Isto vai responder á observação de Huss & Bos (2018), para que a intervenção não fosse vista pelo lado estético. Estes entrevistados mostraram claramente de que tal não sucede.

Relativamente ao objetivo específico - *perceber como os assistentes sociais incorporam as artes aos objetivos da profissão* – este foi um objetivo muito relevante para esta investigação, pois enquanto que deu resposta de como é realizada a intervenção social ao usar as artes, conseguiu dar bases para a construção da proposta metodológica e meios para responder ao objetivo geral. É de extrema importância ressaltar que, nem todos os profissionais abordam e designam todos os momentos de igual

forma, porém ao combinar as entrevistas chega-se a um consenso de que esta seria a ordem da qual efetivamente todos vão transitar.

No que respeita ao objetivo específico – *determinar quais as potencialidades e fragilidades das artes na comunidade* - contata-se que existe mais potencialidades a favor desta prática do que propriamente fragilidades, sendo estas sentidas pelo sujeito de intervenção e fatores inerentes ao projeto – não uma consequência direta das artes. Efetivamente, ao comparar aquilo que foi dito no estado da arte e na análise do conteúdo, há bastantes semelhanças, existindo aqui um encontro entre a teoria e a prática. Logo, há que concluir que aquilo que foi sentido em investigações de diversos países também são sentidas em Portugal, ressaltando o quesito das potencialidades, nomeadamente no sujeito de intervenção sendo o expoente máximo da intervenção social.

Para o último objetivo específico – *sistematizar dimensões das artes na prática do Serviço Social nas comunidades* – teve-se a oportunidade, através do trabalho desenvolvido por Riggs & Pulla (2014) e Huss & Bos (2018), de organizar as dimensões por: 1) sujeito de intervenção/comunidade, 2) assistente social, 3) artista e 4) valores e princípios do Serviço Social.

É possível concluir que este tema tem, efetivamente, conquistado cada vez mais relevância e interesse entre os profissionais. É amplamente discutido por investigadores, motivado por aquilo que apresenta aos sujeitos de intervenção e mesmo aos assistentes sociais e, em consequência ao Serviço Social. Aos poucos, esta é uma realidade cada vez mais sentida em Portugal, com investigadores a debaterem sobre o assunto e a divulgarem projetos artísticos com profissionais da área.

Contudo, para que isto seja prática recorrente, os estabelecimentos de ensino e de educação precisam ter por base de um plano de estudo que inclua as artes, de forma a se gerar conhecimento aos alunos – futuros profissionais -, sobre um tema que se encontra na história do Serviço Social, mas que o qual não é muito debatido. E isto, de facto, para além da profissão não ter base metodológica que inclua as artes à intervenção, pode contribuir para que não haja tantos profissionais a liderarem este tipo de projetos.

A realidade é que é necessário continuar a abordar este tema de forma a esclarecer os alunos e profissionais, com investigações com diferentes perspetivas, sendo a visão do sujeito de intervenção algo a explorar. Para além disso, reforça-se a necessidade de formações e futuras unidades curriculares que permitam potencializar ainda mais esta prática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, G. (2012). Contexto em pessoa, pessoa em contexto: Uma abordagem da psicologia cultural para a psicologia da personalidade social. Em K. Deaux & M. Snyder (Eds.), *O manual de Oxford de personalidade e psicologia social*. 182-208. Imprensa da Universidade de Oxford.
- Aires L. (2015). *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional* (1ª edição). Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028>
- Almeida J. (2017). Ética da investigação em ciências sociais. *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*, 6. [https://revista.aps.pt/wp-content/uploads/2017/09/N6\\_art-4\\_Jorge-Almeida.pdf](https://revista.aps.pt/wp-content/uploads/2017/09/N6_art-4_Jorge-Almeida.pdf)
- Archibald, M. M., Ambagtsheer, R. C., Casey, M. G., & Lawless, M. (2019). Using Zoom Videoconferencing for Qualitative Data Collection: Perceptions and Experiences of Researchers and Participants. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1-8. <https://doi.org/10.1177/1609406919874596>
- Associação dos Profissionais de Serviço Social (2020, agosto). *Definição Global da Profissão de Serviço Social*. <https://www.apss.pt/definicao/>
- Asakura K., Lundy J., Black D. & Tierney C. (2020). Art as a transformative practice: A participatory action research project with trans\* youth. *Qualitative Social Work*. 19 (5-6), 1061-1077. <https://doi.org/10.1177%2F1473325019881226>
- Beckett C. (2006). *Essential Theory for Social Work Practice* (2ª Edição). Sage Publications LTD.
- Benaton T., Bowers-Brown T., Dodsley T., Manning-Jones A., Murden J. & Nunn A. (2020). Reconciling care and justice in contesting social harm through performance and arts practice with looked after children and care leavers. *Children & Society*. 34, 337-353. <https://doi.org/10.1111/chso.12370>
- Blaikie N. e Priest J. (2019). *Designing social research: the logic of anticipation*. (3ª edição). Cambridge.
- Bowles J. S. (2018). Making *Tarefero* Pride: The Collaborative Construction of Portable Photomurals for Farmworker Empowerment in Misiones, Argentina. *Journal of Community Practice*. 26 (4), 392-411. <https://doi.org/10.1080/10705422.2018.1520163>
- Canadian Association of Social Workers Code of Ethics (2022, janeiro). Code of Ethics and Scope of Practice. <https://www.casw-acts.ca/en/Code-of-Ethics%20and%20Scope%20of%20Practice>
- Carvalho M. R. & Pinto C. (2014). *Serviço Social: Teorias e*

- Ching-Teng Y., Ya-Ping Y. & Yu-Chia C. (2019). Positive effects of art therapy on depression and self-esteem of older adults in nursing homes. *Social Work in Health Care*. 58 (3), 324-338. <https://doi.org/10.1080/00981389.2018.1564108>
- Christens B. (2012). Toward Relational Empowerment. *American Journal of Community Psychology*. 50 (1-2), 114-128. <https://doi.org/10.1007/s10464-011-9483-5>
- Cleveland W. (2002). Arts-Based Community Development: Mapping the Terrain. Retirado de: <https://www.americansforthearts.org/by-program/reports-and-data/legislation-policy/naappd/arts-based-community-development-mapping-the-terrain>
- Coholic D., Schinke R., Oghene O., Dano K., Jago M., McAlister H. & Grynspan P. (2020). Arts-based interventions for youth with mental health challenges. *Journal of Social Work*. 20 (3), 269-286. <https://doi.org/10.1177%2F1468017319828864>
- Corbett C. N. & Moxley D. P. (2018). Using the Visual Arts to Form an Intervention Design Concept for Resettlement Support Among Refugee Women. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*. 99 (2), 146-159. <https://doi.org/10.1177%2F1044389418767840>
- Corley N. A. (2020). Exploring poetry as method “Representing faithfully” the narratives of African American high school students and their mothers. *Qualitative Social Work*. 19 (5-6), 1022-1039. <https://doi.org/10.1177%2F1473325019888010>
- Crociani-Windland L. (2017). Deleuze, art and social work. *Journal of Social Work Practice*. 31 (2), 251-262. <https://doi.org/10.1080/02650533.2017.1305341>
- Deacon L. & Macdonald S. J. (2017). *Social work theory & practice*. Thousand Oaks.
- Denov M. & Shevell M. C. (2019). Social work practice with war affected children and families: the importance of family, culture, arts, and participatory approaches. *Journal of Family Social Work*. 22 (1), 1-16. <https://doi.org/10.1080/10522158.2019.154680>
- Domingues, M. (2016). Manual para o desenvolvimento local e comunitário das aldeias : a intervenção social do projeto há festa no campo. Prova apresentada para à obtenção do título de Especialista em Serviço Social. Castelo Branco. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Evers, Jeanine (2011), “From the past into the future: how technological developments change our ways of data collection, transcription and analysis”, *Forum Qualitative Social Research*, 12 (1).

- Ewijk, Hans Van. (2018). *Complexity and Social Work* (1ª Edição). <https://doi.org/10.4324/9781315109275>
- Fazenda I. (2001). Empowerment e Participação, Uma Estratégia de Mudança. Centro Português de Investigação e História e Trabalho social. <http://www.cpihts.com/PDF/EMPOWERMENT.pdf>
- Ferreira, J. M. L. (2014). A investigação em Serviço Social: modelos para a compreensão da realidade. *Intervenção Social*, (38), 99–113. <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/is/article/view/1170>
- Flynn M. L. (2019). Art and the Social Work Profession: Shall Ever the Twain Meet? *Research on Social Work Practice*. 29 (6), 687-692. <https://doi.org/10.1177%2F1049731519863109>
- Flynn M. L. & Sela-Amit M. (2019). An Introduction to Islandwood Papers on Social Work and the Arts. *Research on Social Work Practice*. 29 (6), 684-686. <https://doi.org/10.1177%2F1049731519847761>
- Fundação Calouste Gulbenkian (2021, janeiro). *PARTIS & Art for Change*. <https://gulbenkian.pt/apoios-lista/partis-art-for-change/>
- Given L. M. (2008). *Qualitative Research Methods* (vols. 1-2) SAGE.
- Goel K., Pulla V. & Francis A. P. (2014). *Community Work: Theories, Experiences and Challenges* (1ª Edição). [https://books.google.pt/books?id=Xi\\_dDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=Xi_dDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- Granja B. & Queiroz M. (2011). Problemas e desafios da investigação em Serviço Social. *Intervenção Social*. 38, 233-251. <https://doi.org/10.34628/6sen-w946>
- Hardcastle D. A., Powers P. R. e Wenocur S. (2004). Theory-Based, Model-Based Community Practice. Em Hardcastle D. A., Powers P. R. e Wenocur S. (Eds.), *Community Practice: Theories and Skills for Social Worker* (2ª edição, pp.33-57). Oxford.
- Heinonen T., Halonen D., Krahn E. (2018). *Expressive Arts for Social Work and Social Change*. Oxford University Press.
- Herranz N. L. & Nadal E. R. (2010). *Manual para el Trabajo Social Comunitario*. Narcea.
- Huss E. (2017). Arts as a Methodology for Connecting between Micro and Macro Knowledge in Social Work: Examples of Impoverished Bedouin Women's Images in Israel. *British Journal of Social Work*. 1-15. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcx008>
- Huss E. & Bos E. (2018). *Art in Social Work Practice: Theory and Practice: International Perspectives* (1ª Edição). Routledge.

- Huss E. & Hafford-Letchfield T. (2018). Using art to illuminate social workers' stress. *Journal of Social Work*. 1-18. <https://orcid.org/0000-0003-0105-0678>
- Huss E. & Sela-Amit M. (2019). Art in Social Work: Do We Really Need It? *Research on Social Work Practice*. 29 (6), 721-726. <https://doi.org/10.1177%2F1049731517745995>
- International Federation of Social Workers (2020, agosto). Global Definition of the Social Work Profession. <https://www.ifsw.org/what-is-social-work/global-definition-of-social-work/>
- ISCTE-IUL. (2020). Ética na Investigação: Melhores práticas, melhor Ciência. [https://www.iscteul.pt/assets/files/2018/10/11/1539270104878\\_codigo\\_conduta\\_etica\\_na\\_inv\\_estigacao\\_iscte\\_iul.pdf](https://www.iscteul.pt/assets/files/2018/10/11/1539270104878_codigo_conduta_etica_na_inv_estigacao_iscte_iul.pdf)
- Kim H. C. (2017). A Challenge to the Social Work Profession? The Rise of Socially Engaged Art and a Call to Radical Social Work. *Social Work*. 62 (4), 305-311. <https://doi.org/10.1093/sw/swx045>
- Konrad S. C. (2019). Art in Social Work: Equivocation, Evidence, and Ethical Quandaries. *Research on Social Work Practice*. 29 (6), 693-697. <https://doi.org/10.1177%2F1049731517735898>
- Leavy, P. (2018). Introdução à investigação baseada nas artes. Em P. Leavy (Ed.), *Handbook of arts-based research* (pp. 3–21). Imprensa Guilford.
- Lee J., Lim A., Liang S., Zainuddin S. & Alhadad H. (2020). The Unique Value of the Purcell R. (2009). Images for change: community development, community arts and photography. *Community Development Journal*, 44 (1), 111-122. <https://doi.org/10.1093/cdj/bsm031>
- Leonard K., Hafford-Letchfield T. & Couchman W. (2018). The impact of the arts in social work education: A systematic review. *Qualitative Social Work*. 17 (2), 286-304. <https://doi.org/10.1177%2F1473325016662905>
- Lozano C.C. (2012). Creatividad en Trabajo Social: el estímulo que necesitamos. *TS nova*, (5), pp. 97-102. <https://core.ac.uk/download/pdf/71020931.pdf>
- Määttä T. (2020). Engaging individuals vulnerable to stereotyping in self-reflection through image work: valuing hidden experiences and creating new meanings. *Journal of Social Work Practice*. 34 (2), 163-176. <https://doi.org/10.1080/02650533.2019.1618801>
- Maidment J., Tudor R., Campbell A. & Whittaker K. (2019). Women's place-making through craft in post-earthquake Christchurch. *Qualitative Research*. 31 (1), 17-30. <https://doi.org/10.11157/anzswj-vol31iss1id557>

- Marques, E. (2013). Intervenção Comunitária através da Arte com pessoas em situação de sem-abrigo. *Revista Espacios Transnacionales*, (2), 118-128.  
<http://www.espaciostransnacionales.org/experiencias-comunitarias/semabrigo/>
- Matarasso F. (1997). *Use or Ornament? The social impact of participation in the arts*.  
<https://www.artshealthresources.org.uk/docs/use-or-ornament-the-social-impact-of-participation-in-the-arts/>
- Mayor C. (2020). Embodied tableaux: A drama method for social work arts-based research. *Qualitative Social Work*. 19 (5-6), 1040-1060. <https://doi.org/10.1177%2F1473325020923000>
- Mitchell C., Linds W., Denov M., D'Amico M. & Cleary B. (2019). Beginning at the beginning in social work education: a case for incorporating arts-based approaches to working with war-affected children and their families. *Journal of Family Social Work*. 22 (1), 63-82.  
<https://doi.org/10.1080/10522158.2019.1546949>
- National Association of Social Workers (2022, janeiro). Read the Code of Ethics.  
<https://www.socialworkers.org/About/Ethics/Code-of-Ethics/Code-of-Ethics-English>
- Newsome B. O (2016). *An Introduction to Research, Analysis, and Writing*. SAGE.
- Nissen L. B. (2017). Art and Social Work: History and Collaborative Possibilities for Interdisciplinary Synergy. *Research on Social Work Practice*. 29 (6), 698-707.  
<https://doi.org/10.1177%2F1049731517733804>
- Nouvet E., Sinding C., Graham C., Vengris J., Fudge Schormans A., Fullwood A. & Skeene M. (2019). What are you (un)doing with that story? *Qualitative Social Work*. 18 (3), 514-529.  
<https://doi.org/10.1177%2F1473325017735884>
- Ontario College of Social Workers and Social Service Workers (2022, janeiro). Code of ethics and standards of practice. <https://www.ocswssw.org/ocswssw-resources/code-of-ethics-and-standards-of-practice/>
- Oliveira M. (2005). *Como Fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses*. (3ª edição). Editora campus
- Patton M. (1990). *Qualitative Evaluation and Research methods* (2ª Edição). SAGE.
- Perth G. (1993). Viewing the Person in Context: a Systemic Model of Change. *Network*, 8 (1) 13-25.  
<https://researchrepository.murdoch.edu.au/id/eprint/57527/1/viewing%20the%20person.pdf>

- Pinto C. (2009). Serviço Social Na Modernidade Tardia: Que Empowerment é Possível? *Intervenção Social*, 35, pp. 397-410. <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/is/article/view/1423>
- Pulla V. (2013). Coping and Resilience: People's innovative solutions. *International Journal of Innovation*, 1(1). [https://researchoutput.csu.edu.au/ws/portalfiles/portal/8862346/Coping\\_and\\_resilience\\_People%27s+innovative\\_solutions\\_ijicc.pdf](https://researchoutput.csu.edu.au/ws/portalfiles/portal/8862346/Coping_and_resilience_People%27s+innovative_solutions_ijicc.pdf)
- Ravitch S. M & Carl N. M. (2021). *Qualitative Research: bridging the conceptual, theoretical, and methodological* (2ª edição). SAGE.
- Riggs A. & Pulla V. (2014). Visual and Theatre Arts and Community Development. Em Goel K., Pulla V. & Francis A. P. (Eds.), *Community Work: Theories, Experiences and Challenges* (1ª Edição, 30-47). [https://books.google.pt/books?id=Xi\\_dDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=Xi_dDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- Robertis, Cristina (2003). *Fundamentos del trabajo social. Ética y metodología*. Valencia: Universidad de Valencia
- Robson I. (2020). Improving Sensemaking in Social Work: A worked example with Deleuze and Art. *Qualitative Social Work*. 1-19. <https://doi.org/10.1177%2F1473325020968916>
- Rogers M., Whitaker D., Edmondson D. & Peach D. (2017). *Developing Skills for Social Work Practice* (2ª Edição). Sage Publications LTD.
- Ruslin, Mashuri D., Rasak M., Alhabsyi F. e Syam H. (2022). Semi-structured Interview: A Methodological Reflection on the Development of a Qualitative Research Instrument in Educational Studies. *IOSR Journal of Research & Method in Education*, 12 (1), 22-29. <https://doi.org/10.9790/7388-1201052229>
- Rutten K., Van Beveren L., Roets G. (2017). The New Forest: The Relationship between Social Work and Socially Engaged Art Practice Revisited. *British Journal of Social Work*. 1-18. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcx118>
- Schubert L. & Gray M. (2015). The death of emancipatory social work as art and birth of socially engaged art practice. *British Journal of Social Work*, 45 (4), 1349–1356. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcv020>
- Segal-Engelchin D., Huss E. & Massry N. (2019). Arts-Based Methodology for Knowledge Co-Production in Social Work. *British Journal of Social Work*. 1-18. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcz098>

- Severino A. J. (2015). Ética e Pesquisa: autonomia e heteronomia na prática científica. *Cadernos de pesquisa*. 45 (158). 776-792. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143355>
- Teater B. (2014). *An Introduction to Applying Social Work Theories and Methods* (2ª Edição). Open University Press.
- Thompson N. & Stepney P. (2018). *Social work theory and methods: the essentials* (1ª Edição). Routledge.
- Travis Jr. R. (2019). All Awareness and No Action. Can Social Work Leverage Creative Arts' Potential? *Research on Social Work Practice*. 29 (6), 708-720. <https://doi.org/10.1177%2F1049731517735178>
- Van Katwyk T. & Seko Y. (2019). Resilience Beyond Risk: Youth Re-defining Resilience Through Collective Art-Making. *Child and Adolescent Social Work Journal*. 36, 609-619. <https://doi.org/10.1007/s10560-018-0590-0>

## ANEXOS

### ANEXO A – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFISSIONAIS



Guião de entrevista

#### GUIÃO DE ENTREVISTA

Eu, Gabriela Augenstein Silva, aluna de Mestrado em Serviço Social no ISCTE-IUL, estou a realizar a dissertação sobre Serviço Social Comunitário e as práticas artísticas. O objetivo geral passa por elaborar uma proposta metodológica de base artística para o Serviço Social Comunitário. Os objetivos específicos são compreender como os assistentes sociais percecionam o uso das artes no Serviço Social; perceber como os assistentes sociais incorporam as artes aos objetivos da profissão; determinar quais as potencialidades e fragilidades das artes nas comunidades e sistematizar dimensões das artes na prática do Serviço Social nas comunidades.

O tempo estimado de entrevista será de 1 hora sendo que as informações recolhidas serão gravadas, com a permissão do entrevistado. O entrevistado tem o direito a recusar a participar nesta investigação e a interrompê-la assim que achar necessário. O mesmo irá ocorrer caso sinta eventuais riscos, desconfortos ou outros efeitos adversos associados à participação.

Relativamente à confidencialidade, só vai ser recolhido dados pessoais estritamente necessários em que a informação prestada pelo entrevistado vai ser tratado de forma confidencial e, quando publicado, não vai ser possível identificar. Está garantido o anonimado do entrevistado.

Os dados disponibilizados serão utilizados apenas nesta investigação académica sendo os resultados revelados nesta dissertação de mestrado ou posterior publicação.

Na necessidade ou caso se deseje fazer perguntas ou comentários sobre o estudo entrar em contacto em [augensteins@outlook.com](mailto:augensteins@outlook.com) ou \_\_\_\_\_.

### CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Sexo

Idade

Formação académica

Local de trabalho

Tipo de arte utilizada

### QUESTÕES A PERGUNTAR

#### Dimensão 1 – sujeito de intervenção

1 - Como caracteriza a comunidade com que trabalha?

1.1 - Considera que existam critérios de participação para trabalhar em intervenções que utilizem artes?

#### Dimensão 2 – assistente social

2 - O que entende por intervenção pelas artes?

2.2 - De que maneira isso vai estar correlacionado com o Serviço Social?

3 - Ao atuar neste tipo de intervenção quais é considera serem as competências necessárias?

#### Dimensão 3 – intervenção pela arte

4 - O que que pretendem alcançar com esta intervenção?

4.1 - Quais são as vantagens de utilizarem uma metodologia artística?

5 – Pode descrever, passo a passo, como atuam com a comunidade de forma a alcançarem esses objetivos?

6 - Qual é espaço dado para que a que as pessoas da comunidade possam se expressar?

7 – Considerando aquilo que são os valores e princípios do Serviço Social, em que medida consegue trabalhar questões como capacitação, mudança social, justiça social, ao utilizar intervenção com a arte?

8 - Pode dar um exemplo de algo que a tenha surpreendido?

Gabriela Augenstein Silva

Elaboração própria extraída do Word

## ANEXO B – QUADRO CONCETUAL

QUADRO CONCETUAL – Referências bibliográficas						
OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	DIMENSÃO	SUB DIMENSÃO	INDICADORES	REF. BILIOGRÁFICA	PERGUNTA
- Elaborar uma proposta metodológica de base artística para o Serviço Social Comunitário	- Compreender como os assistentes sociais percebem o uso das artes no Serviço Social; - Perceber como os assistentes sociais incorporam as artes aos objetivos da profissão; - Perceber quais as potencialidades e fragilidades das artes nas comunidades; - Sistematizar dimensões das artes na prática do Serviço	Sujeito de intervenção	Indivíduos, grupos/ comunidades em situação de vulnerabilidade	Crianças	Benaton et al, 2019; Denov & Shevell, 2019	1 – Como caracteriza a comunidade com que trabalha? 1.1 – Considera que existam critérios de participação para trabalhar em intervenções que utilizem artes?
				Jovens	Asakura et al, 2019; Čoholic et al, 2019; Corley, 2019; Katvyk & Seko, 2018	
				Mulheres	Corley, 2019; Maidment et al, 2019	
				Refugiados	Corbett & Moxley, 2018; Määttä, 2020	
		Assistente Social	Coletivo profissional	Percepção do profissional		2 - O que entende por intervenção pelas artes no Serviço Social? 2.2 - De que maneira isso vai estar correlacionado com o Serviço Social? 3 – Ao atuar neste tipo de intervenção quais é que

	Social nas comunidades.					considera serem as competências necessárias?
		Intervenção pela arte	Modelo “Prática artística no desenvolvimento comunitário do Serviço Social”	Respeito e dignidade humana e o seu valor Competências profissionais Integridade Justiça social Serviço à humanidade	Pulla & Riggs, 2014	4 – O que que pretendem alcançar com esta intervenção? 4.1 – Quais são as vantagens de utilizarem uma metodologia artística?
			Paradigma da pessoa em contexto	Interpretação pessoal do contexto sociocultural	Huss & Sela-Amit, 2018	5 – Pode descrever, passo a passo, como atuam com a comunidade de forma a alcançarem esses objetivos?
			Resultados para os sujeitos de intervenção/com unidade	Resiliência	Benaton et al, 2019; Ching-Teng et al, 2019; Čoholic et al, 2020; Huss & Boss, 2018; Maidment et al, 2020; Van Katvyk & Seko, 2019	6 – Qual é o espaço dado para que as pessoas da comunidade possam se expressar?
				Criatividade	Huss & Bos, 2018	7 – Considerando aquilo que são os valores e princípios do Serviço Social, em que medida consegue trabalhar questões como capacitação,
				Transformação Social	Huss & Bos, 2018	
			Resultados para o assistente social	(aumento) pensamento crítico	Nouvet et al, 2019	

				Aprendizagem	Corbett & Moxley, 2018; Corley, 2020; Huss & Sela-Amit, 2019; Maidment et al, 2019; Ritten et al, 2017	mudança social, justiça social ao utilizar intervenção com a arte?
				Inovação	Heinonen et al, 2018; Robson, 2020	8 – Pode dar um exemplo de algo que a tenha surpreendido?
				Ferramenta para a prática reflexiva	Heinonen et al, 2018; Robson, 2020	9 – E algo negativo?
				Análise de situações de estresse	Huss & Bos, 2018; Huss & Hafford-Letchfield, 2019	

## ANEXO C – CONSENTIMENTO INFORMADO AOS PROFISSIONAIS



### Aviso de privacidade e declaração de consentimento

O ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, adiante designado ISCTE-IUL, é responsável pelo tratamento dos seus dados pessoais para as finalidades abaixo indicadas, com base no seu consentimento.

Caso dê o seu consentimento, procederemos ao tratamento dos seus dados pessoais (imagem e voz) para conceção de produtos de comunicação áudio, vídeo, fotografia e texto, e respetiva difusão nos canais e suportes utilizados pelo ISCTE-IUL, com vista à divulgação e promoção da instituição e das suas atividades.

O consentimento é voluntário e só processaremos os seus dados pessoais para as finalidades indicadas mediante o consentimento prestado. Poderá, a qualquer momento, retirar o seu consentimento através dos seguintes contactos:

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa  
Encarregado da Proteção de Dados  
[Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa](#)  
[dpo@iscte-iul.pt](mailto:dpo@iscte-iul.pt)

A retirada de consentimento não afeta a legalidade dos tratamentos anteriormente efetuados com base no consentimento ou de outras atividades de tratamento legalmente exigidas.

Também poderá utilizar os contactos acima indicados para solicitar o acesso, a retificação e, em determinadas condições, o apagamento ou a limitação do tratamento dos seus dados pessoais. Os seus dados pessoais serão conservados pelo ISCTE-IUL enquanto forem necessários para as finalidades para as quais foram recolhidos ou até que nos peça para os apagarmos.

### Consentimento para utilização de imagem e voz

Eu, \_\_\_\_\_, com o número de identificação \_\_\_\_\_, consinto na utilização da minha imagem pessoal e gravação de voz recolhida no evento \_\_\_\_\_, realizado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, para conceção de produtos de comunicação áudio, vídeo, fotografia e texto e respetiva divulgação e difusão nos canais e suportes utilizados pelo ISCTE-IUL (website, redes sociais, blogs, televisão interna, brochuras, etc.).

Sim  Não

Assinatura

Data

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa - Av. Forças Armadas, 1649-026 Lisboa - ☎ +351 217 903 000 - ✉ [geral@iscte-iul.pt](mailto:geral@iscte-iul.pt)



